



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião com o diretor-gerente do FMI, Rodrigo de Rato

Palácio do Planalto, 10 de janeiro de 2006

Senhor Rodrigo de Rato, diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional,

Ministro de Estado da Fazenda, Antônio Palocci,

Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Dilma Rousseff,

Presidente do Banco Central, Henrique Meirelles,

Ministro de Estado Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz Dulci,

Senadora Ideli Salvatti,

Deputado Henrique Fontana,

Senhores presidentes e representantes de instituições financeiras e de empresas nacionais aqui presentes,

Senhores e senhoras da imprensa,

Funcionários do Tesouro, do Ministério da Fazenda e do Banco Central que estão presentes,

Este é um momento de especial significação para o Brasil. E é também, estou convencido, um momento relevante para o Fundo Monetário Internacional.

Em 2002, a Comunidade das Nações, articulada em torno do Fundo Monetário Internacional, tomou a decisão de apoiar nosso país em um momento extremamente delicado. Na ocasião, o então diretor-geral do Fundo e atual presidente da Alemanha, Horst Köhler, se aliou aos dirigentes de países amigos e parceiros e conseguiu dobrar a resistência dos mais céticos e



pessimistas que não acreditavam que o Brasil pudesse vencer tamanha crise financeira.

Mostramos que os pessimistas estavam errados, mais rapidamente e de forma mais cabal do que até mesmo os mais otimistas poderiam supor naquele momento. Fomos capazes de provar o acerto de quem soube confiar no Brasil.

Tomou a decisão correta quem compreendeu que o Brasil tem uma sociedade madura, uma sociedade na qual a clara noção de urgência em resolver desafios coletivos, muitas vezes dramáticos, há tempos deixou de sustentar-se na crença em falsos atalhos.

Estou falando de planos, pacotes e outras fórmulas milagreiras que embora quase sempre movidos pelos mais nobres propósitos, nos fizeram andar aos saltos, nem sempre para diante, mas freqüentemente para trás.

A Nação cobra soluções urgentes, trabalha por crescimento e progresso, mas sabe que a realização de suas aspirações requer esforço, disciplina e, muitas vezes, prazos mais longos de tempo. Ela compreende que é com muito trabalho e sacrifício – e não por milagre, da noite para o dia – que se constrói verdadeiramente um país.

Temos hoje uma democracia sólida e dinâmica, da qual muito nos orgulhamos. Tal como a nossa economia, também a nossa democracia reflete a maturidade dos brasileiros.

Assim como na esfera econômica, não há lugar no jogo político para quem busca gerar esperança e motivação oferecendo facilidades irreais. Os brasileiros sempre foram capazes de encontrar esperança, motivação e confiança no futuro a partir de uma visão clara e lúcida dos seus problemas e desafios.

A correta percepção desta característica de nossa sociedade e de suas principais lideranças políticas certamente pesou na decisão da comunidade internacional de prestar ao Brasil um apoio essencial no segundo semestre de 2002.



Nos orgulhamos de haver dado, de lá para cá, a melhor das respostas não só aos países e organismos que nos apoiaram, mas principalmente à sociedade brasileira. Foi ela quem nos honrou com a sua confiança e com o mandato presidencial. E que está recebendo de volta resultados concretos, decorrentes de políticas de governo e da dedicação e criatividade de nossos trabalhadores e empreendedores.

São resultados palpáveis para as classes populares da cidade e do campo como a geração de quase 4 milhões de novos empregos formais, a expansão da renda média dos trabalhadores, o fortalecimento da agricultura familiar, o resgate da escola pública e os programas vitoriosos de inclusão social como o Bolsa-Família.

Para nós, o econômico e o social sempre estiveram integrados em um projeto de governo mais amplo – sempre foram faces de uma mesma moeda. E as vitórias que temos obtido nestas duas áreas, muitas delas inéditas na história do País, mostram que acertamos ao adotar esta estratégia.

A redução da pobreza e da concentração de renda no Brasil, apontada nos números recentemente divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD, tornam este vínculo ainda mais evidente.

Estejam certos de que os bons frutos dessa convergência de esforços e resultados nas esferas econômica e social poderão ser sentidos pela população de modo ainda mais direto e positivo neste ano de 2006.

Senhor Diretor-Gerente,

Senhores Ministros,

Senhoras e Senhores,

Como todos sabemos, o Brasil conviveu por décadas com a inflação alta e crônica que inviabilizava qualquer projeto de desenvolvimento de longo prazo e penalizava duramente nossas famílias mais pobres.

Calejados por esta traumática experiência, fomos capazes de debelar focos de reaquecimento inflacionário que nos ameaçaram na virada de 2002



para 2003 e novamente, mas já com intensidade bem menor, no final de 2004.

Também na dimensão fiscal temos conseguido avanços significativos.

O resultado nominal do setor público converge para níveis razoáveis – muito menos voláteis do que os do passado. E confirma-se a tendência de queda na relação entre dívida pública e PIB, após quase uma década de forte aumento.

Mesmo que a dívida pública ainda seja elevada como proporção do PIB, o risco de descontrole do endividamento está afastado. E sua vulnerabilidade frente às flutuações do dólar é hoje muito menor do que antes.

O regime de câmbio flutuante, somado à competência do nosso trabalhador e à competitividade da empresa brasileira, possibilitou que as contas externas do país se tornassem cada vez mais sólidas, contribuindo para que atingíssemos uma situação macroeconômica bem mais favorável.

Em resumo, tanto no plano interno como na interação com o mundo, a trajetória percorrida nos últimos três anos pela economia brasileira levou à forte redução da vulnerabilidade frente a riscos internos e ameaças externas.

Foi nesse contexto virtuoso que tomamos a decisão, cuidadosamente pensada, de antecipar a devolução ao Fundo Monetário Internacional dos recursos emprestados ao Brasil – com isso deixando também de pagar os juros correspondentes.

Sabe o senhor Diretor-Gerente que, no mundo contemporâneo, dificilmente um país em crise consegue sobreviver sem o apoio da comunidade internacional e dos organismos multilaterais. Mas essa deve ser uma situação transitória, não pode tornar-se uma carência crônica, uma necessidade estrutural.

É igualmente verdadeiro que um país só encontra o caminho do desenvolvimento sustentável quando cria condições para caminhar com as próprias pernas, quando consegue crescer de modo sólido com seus próprios recursos.



Este é o significado central do ato de hoje. Graças a uma política econômica coerente, graças ao trabalho sério do governo e de toda a sociedade, o Brasil está dizendo a si mesmo e ao mundo que já pode caminhar com as próprias pernas, que construiu as condições para continuar avançando sem o suporte emergencial do Fundo Monetário que foi necessário no passado.

No que depender de mim e do governo, o cenário econômico e financeiro deste ano eleitoral será muito diferente daquele de 2002. Como já reafirmei inúmeras vezes, não permitirei que interesses eleitorais comprometam a nossa estabilidade financeira.

Não tomaremos medidas que produzem vantagens aparentes no curto prazo, mas que causem problemas mais adiante. Meu único compromisso é com o bem-estar atual e futuro do povo brasileiro.

Prezados Ministros,

Prezado Diretor-Gerente do FMI,

Estamos felizes e agradecemos a sua presença hoje aqui em Brasília. A sua visita, assim como suas palavras, expressam o fato de que as relações entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional não se encerram com a quitação de nossa dívida. Muito pelo contrário: nosso relacionamento muda de patamar e de qualidade.

Como o senhor bem sabe, o Brasil deseja ter presença ainda mais ativa no FMI. Há anos temos indicado a necessidade de aumento das quotas e da influência dos países em desenvolvimento, inclusive a nossa, no organismo. Temos também defendido a conveniência de mecanismos de financiamento para prevenção de crises financeiras provocadas por mudanças súbitas na conduta de investidores internacionais.

Todos esses temas permanecem na lista de prioridades do Brasil. E é encorajador verificar que discussões sobre todos eles estão contempladas no programa de revisão estratégica de médio prazo que o senhor está liderando no Fundo Monetário.



O governo brasileiro considera essencial que o FMI e outras instituições financeiras multilaterais mantenham sua postura de apoio a um comércio internacional verdadeiramente livre, com menores restrições de acesso aos mercados dos países desenvolvidos – em particular no que se refere aos produtos agrícolas.

Como todos sabem, nossa diplomacia e nosso governo estão profundamente mobilizados por essa causa. Não haveremos de esmorecer até que a realidade do livre-comércio como trampolim para o desenvolvimento de todos se imponha sobre o discurso do livre-comércio como disfarce para o protecionismo seletivo que adia ajustes inevitáveis para uns poucos.

Nesse mesmo espírito, recordo que o governo brasileiro está comprometido com iniciativas internacionais de combate à pobreza, ao lado da França, Chile, Espanha, Alemanha, Argélia, Índia e África do Sul e com o empenho pessoal do secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan.

Saudamos também as iniciativas similares do Reino Unido, dos Estados Unidos, do G-8 e de várias organizações internacionais, governamentais e não-governamentais.

Estou falando de mecanismos inovadores de financiamento ao desenvolvimento e de redução da dívida dos países mais pobres que têm sido debatidos com grande interesse durante as reuniões anuais do Fundo e do Banco Mundial. Para que tais iniciativas se multipliquem e se tornem cada vez mais efetivas, é fundamental o apoio de todas as instituições multilaterais.

Senhor Diretor-Gerente,

Senhores Ministros,

Estamos aqui, como já disse, para registrar – e até mesmo celebrar – a superação vitoriosa de uma etapa da história econômica do Brasil.

Mas devemos sempre lembrar que momentos como este não indicam espaço para pausa ou repouso. Pois se muito temos avançado no Brasil ao longo dos últimos três anos, temos a perfeita noção de que muito ainda resta



por fazer. E o estamos fazendo com o mesmo sentido de urgência.

É o caso da promoção de investimentos em infra-estrutura, da criação de um ambiente de negócios mais favorável e da simplificação da estrutura tributária que a torne mais eficiente.

Já na esfera internacional, o Brasil não tem poupado energia e esforços no cumprimento do papel que, por seu peso relativo, por sua história, por sua vocação, julga caber-lhe nos planos regional e mundial.

Não se trata apenas de generosidade – embora a generosidade seja, sim, um traço marcante de nossa convivência internacional. Trata-se de um sentido de responsabilidade, de dever a cumprir na sociedade das nações.

O que nos move não é qualquer aspiração de hegemonia, mas sim o impulso da participação em prol da paz, da justiça, dos direitos humanos, da liberdade e do desenvolvimento para todos.

Esse é o espírito com que continuaremos a participar do convívio regional e mundial e, no que nos diz respeito ao dia de hoje, das nossas decisões relativas ao Fundo Monetário Internacional.

Quero, mais uma vez, agradecer a sua visita, doutor Rodrigo de Rato, e agradecer aos convidados que nos honraram com a sua presença. E que permita que, ao regressar à sede do Fundo, tenha a clareza de que, finalmente e definitivamente, o Brasil encontrou o seu caminho. Crescimento, desenvolvimento, distribuição de renda e forte investimento em educação serão metas e, mais que metas, serão compromissos do nosso governo para atender à demanda do povo brasileiro.

Muito obrigado.



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia de rádio e TV, sobre o pagamento da dívida com o FMI

Meus amigos e minhas amigas,

Há poucos dias o Brasil zerou a sua dívida com o FMI. Com isso, deixamos de pagar juros, e com essa economia vamos poder investir mais em favor do nosso povo. Com soberania viramos uma página da nossa história. O Brasil vai caminhar com suas próprias pernas.

Ao devolvermos ao FMI o dinheiro que estava à disposição do Brasil por conta da crise de 2001-2002 estamos provando, entre outras coisas, que não dependemos mais de empréstimos externos para continuar crescendo, podemos fazê-lo com nossos próprios recursos. Isso significa independência e desenvolvimento. O melhor é que isso está ocorrendo junto com uma série de outras conquistas do povo brasileiro, no mesmo momento, por exemplo, em que temos os melhores resultados dos últimos anos na redução da pobreza, na distribuição da renda e na criação de empregos com carteira assinada; no mesmo período em que temos o melhor crescimento da massa salarial e um forte aumento do crédito pessoal e consignado; no momento em que nossas exportações estão batendo recordes todos os meses, elevando bastante o nosso saldo comercial. E o que mais me alegra: tudo isso ocorre na hora em que o país faz o maior investimento social da sua história.

Só para você entender: quando assumimos o governo, o país investia 7 bilhões de reais em programas sociais. Em 2005, aplicamos 17 bilhões. E este ano vamos chegar a 22 bilhões, beneficiando diretamente 40 milhões de brasileiros pobres.

Essas vitórias só foram possíveis graças a um trabalho sério, persistente, determinado. Elas mostram que com equilíbrio e maturidade o Brasil está conseguindo fazer da política econômica e da política social duas



faces de uma mesma moeda, dois pilares de um projeto de Nação moderno e humano.

Minhas amigas e meus amigos,

A redução da dívida traz benefícios para todos os brasileiros. Com a economia de milhões e milhões de dólares em juros vamos poder investir mais na educação, na saúde e nas estradas. Ao mesmo tempo, nossa economia fica menos vulnerável aos choques externos. Ou seja, se houver uma crise financeira internacional não vamos mais estar à beira da falência como ocorreu em 1998, quando o país teve que reduzir investimentos, diminuir o emprego e mendigar ajuda mundo afora, e não vamos mais ter que prestar contas ao FMI. Ao contrário, a partir de agora ele é que tem que nos prestar contas, pois não somos mais devedores e, sim, sócios soberanos.

Mas pouco adiantaria livrar-se da tutela do FMI se não tivéssemos melhorado a situação interna, se não tivéssemos derrotado a inflação e garantido a estabilidade. Reduzimos em mais da metade a inflação que herdamos e fechamos 2005 com alguns dos melhores índices da história do país. O IGPM, por exemplo, teve uma inflação acumulada de apenas 1,21%, a menor já registrada. É importante lembrar que é com base neste índice que se calcula o reajuste de aluguéis, telefone, eletricidade, e de outros. Isso significa que, em 2006, praticamente não vai haver aumento no seu aluguel, no seu telefone e na sua eletricidade. Isso mostra como vale a pena fazer um sacrifício temporário para se ter um resultado duradouro depois. Isso prova como vencer a inflação é, antes de tudo, defender o dinheiro dos mais pobres e da classe média, porque os ricos sempre sabem como se defender.

Meus amigos e minhas amigas,

Não pensem que, ao citar esses dados, eu ache que tudo está uma maravilha. Há muita, muita coisa mesmo ainda por fazer. Sei das dificuldades dos pobres, sei do aperto de boa parte da classe média que sofre com a mensalidade das escolas, dos planos de saúde e com tantos outros problemas.



Vocês sabem que mudar um país como o Brasil não é fácil, não se resolve em três anos problemas que se arrastam há séculos. Mas posso garantir que estamos fazendo tudo que é possível e conseguindo melhores resultados do que muitos que me antecederam.

Em algumas áreas o resultado tem chegado mais rápido. Vejam o caso da educação. Entre outros avanços, estamos democratizando o acesso ao ensino superior, estamos criando quatro novas universidades federais, transformando cinco faculdades em universidades e implantando 32 novas extensões de universidades no interior do país.

Com o ProUni, concedemos bolsas em universidades particulares a 203 mil estudantes pobres, alunos que jamais poderiam cursar uma faculdade se o governo não pagasse seus estudos. Já liberamos recursos para instalação de 32 novas escolas técnicas federais, das quais 25 estarão funcionando em 2006.

E está para ser votada no Congresso uma lei de nossa autoria, que vai revolucionar o ensino básico no Brasil. Trata-se do Fundeb, Fundo de Desenvolvimento do Ensino Básico, que vai aumentar verbas, ampliar vagas, melhorar o salário dos professores e garantir creches e pré-escolas gratuitas de boa qualidade para os brasileiros. O Fundeb vai permitir, antes de tudo, aprimorar a qualidade do ensino, com o treinamento dos professores e melhorias nas instalações e equipamentos.

A melhoria de qualidade no ensino em todos os níveis tem sido e será sempre uma das nossas prioridades. Somente com um alto investimento na educação poderemos transformar rapidamente o Brasil no país que todos nós sonhamos.

Junto com a exportação de matérias-primas e de produtos manufaturados, queremos ser exportadores de conhecimento. Somente assim seremos mais competitivos e mais respeitados.

Minhas amigas e meus amigos,



Nestes 36 meses de governo fizemos tudo que era necessário para consolidar a estabilidade e garantir que o Brasil encontrasse o seu caminho. Esta já é uma vitória assegurada. Chegou a hora de darmos um novo passo, o momento da união definitiva, do produtivo com o social. Assim como foi na conquista da estabilidade, esta é também uma luta que se fará por etapas.

E vamos começar com o lançamento, nos próximos dias, de um plano de ação para integrar ainda mais os principais projetos destas duas áreas. Trata-se do plano Brasil Produtivo e Solidário, que irá integrar e ampliar, de um lado ações na área social e de promoção humana. E do outro lado, ações de estímulo ao setor produtivo e ao desenvolvimento econômico. Não se trata exatamente da criação de novos programas, mas do avanço de ações que vêm sendo implantadas desde o nosso primeiro ano no governo.

Através do plano Brasil Produtivo e Solidário, vamos dar um decisivo apoio este ano à construção civil, à agricultura familiar e ao microcrédito. Serão ampliadas as prioridades do setor de infra-estrutura, em especial nas áreas de energia e transporte. E vamos consolidar importantes programas de desenvolvimento regional.

Em suma, vamos perseguir, ainda com mais determinação, as metas básicas deste governo: geração de emprego, melhoria da educação e combate à miséria.

Meus amigos e minhas amigas,

Um governo que tem apenas o braço social, não passa de um governo caridoso. Isso é bom, porém insuficiente. Um governo que tiver apenas o braço econômico é pobre em valor humano. A ele faltaria a coisa mais importante: o coração. Vamos continuar como sempre fizemos, governando com a mente e o coração, e 2006, não tenho dúvida, será um ano de muitas conquistas. Um ano em que vamos fazer um Brasil ainda mais produtivo e solidário.

Obrigado e, mais uma vez, Feliz Ano Novo.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita às obras de duplicação da Rodovia BR-101 Nordeste, no estado da Paraíba

Mata Redonda-PB, 16 de janeiro de 2006

Na verdade vocês perceberam que, diferentemente de outras atividades que eu tenho feito pelo Brasil, hoje, aqui, não prevíamos palanque e não queríamos palanque. Entretanto, eu não posso deixar de agradecer ao nosso comandante do Exército, o comandante Albuquerque, e a todos os seus comandados pelo que está acontecendo no Brasil hoje.

Vocês, jornalistas da Paraíba e do Brasil, e prefeitos, deputados, nossos senadores Suassuna e José Maranhão, nossos prefeitos e deputados federais sabem que não é de hoje que esta Rodovia 101 Nordeste é prometida. Alguns de vocês já participaram até de eventos em que esta estrada foi anunciada, foi dada a ordem de serviço e vocês estão esperando.

Nós gostaríamos de ter começado esta obra em março do ano passado. Trabalhamos para que tudo fosse concretizado e a obra começasse a ser construída a partir de março do ano passado. Entretanto, nós tivemos problemas, porque ao fazermos a licitação, primeiro o Tribunal de Contas encontrou irregularidades, nós tivemos que consertar, depois fizemos as licitações, muitas empresas participaram. E quando abre-se o envelope e que você vai determinar quem são as empresas ganhadoras, algumas empresas que não participaram do processo ou que foram derrotadas entram com ações na Justiça, conseguem liminar e a obra não andava.

Então, nós tomamos a decisão de não prejudicarmos o povo por conta da briga na Justiça de algumas empresas. Nós resolvemos então convocar o nosso Exército, convocar o nosso Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro, que tem tradição de construir obras em lugares inacessíveis e onde, muitas vezes, a iniciativa privada não gostaria de construir. O nosso Batalhão



de Engenharia estava totalmente desestruturado, porque ao longo desses últimos anos não só não se comprou nada novo, como foi permitido que aquilo que tinha fosse se estragando.

Fizemos um acordo com as Forças Armadas, o nosso Exército assumiu e nós resolvemos: enquanto as empresas brigam entre si, nós estamos construindo um trecho na Paraíba, um trecho no Rio Grande do Norte e um trecho em Pernambuco. Este trecho que vocês estão vendo, aqui, na Paraíba, este trecho que vocês estão vendo de 54 quilômetros, este trecho vai se ligar, lá na cidade de Goiana, divisa com Pernambuco, a um trecho que já está sendo construído pelo Exército Brasileiro, também de Pernambuco para cá.

E nós temos outros trechos, porque são em oito trechos as obras. Por enquanto o Exército está trabalhando em três trechos: o cinco, o seis e o um. Nós estamos esperando que as empresas resolvam as suas pendengas. Se não resolverem o meu Ministro está autorizado a fazer outro acordo com o Exército e vamos dar o restante para o Exército fazer, até as empresas compreenderem que o Brasil não pode esperar o tempo que elas acham que podem brigar na Justiça.

Esta obra aqui, ela tem um significado muito importante para o Nordeste brasileiro. Porque, da mesma forma que o rio São Francisco é o rio da integração, esta rodovia é a rodovia de integração, porque ela vai ligar vários estados do Nordeste e vai permitir que o turismo nesta região se transforme ainda mais numa fonte geradora de riquezas, geradora de empregos e, portanto, uma fonte de distribuição de renda, porque agora, com esta rodovia pronta, quando o turista descer em qualquer estado, ou na Paraíba, ou no Rio Grande do Norte, ou em Pernambuco, ou na Bahia, ou em Sergipe, ou Alagoas, ou no Ceará, ele vai poder pegar um carro e transitar não por um quilômetro de praia nordestina, mas ele vai poder transitar por todos os recantos brasileiros que tenham praia de boa qualidade.

E o turista, quando viaja, ele quer qualidade, ele quer boas estradas, ele quer segurança, ele quer bons hotéis, ele quer bom preço, ele quer bom



tratamento mas, sobretudo, ele quer segurança. E a segurança será dada com uma estrada duplicada, bem, obviamente, sinalizada, e estrada com balança para não permitir que uma estrada feita para transportar 40 ou 50 mil toneladas transporte 80 ou 90 mil toneladas. Por isso a balança faz parte da nossa responsabilidade de fazer esta estrada ser de qualidade.

Não é apenas isso para o Nordeste. No mês de fevereiro eu virei a outro estado do Nordeste, onde nós vamos anunciar a Transnordestina, uma ferrovia de 1.803 quilômetros, ligando o Porto de Pecém ao Porto de Suape, ligando Eliseu Martins, no Piauí. E, certamente, num futuro próximo, essa Ferrovia terá braços com a Paraíba, terá braços com o Rio Grande do Norte, porque o Nordeste brasileiro não pode mais passar meio século sendo a região pobre do país. O Nordeste tem que se transformar numa região desenvolvida como qualquer outra região do país, por isso nós estamos fazendo as coisas estruturantes: é o pólo siderúrgico no Ceará, é refinaria em Pernambuco e, agora, a Paraíba está com a prosa toda porque já encontraram petróleo em Sousa. Se tem em Sousa, certamente vai ter petróleo em outra região da Paraíba.

Portanto, nós estamos trabalhando com muita tranqüilidade, estamos fazendo isso aqui porque entendemos que o Nordeste precisa disso, o povo precisa disso. Este trecho é um trecho de grande trafegabilidade, de muito trânsito, afinal de contas, paraibanos e pernambucanos se dão muito bem, eles gostam de transitar, ou se encontram no meio ou se encontram em alguma capital. E eu sei que, agora, quando você começa a fazer isso, começam os adversários a dizer que estamos fazendo campanha.

Eu fui eleito para governar o Brasil até o dia 31 de dezembro de 2006. Portanto, até o dia que terminar o meu mandato eu estarei andando pelo Brasil, porque nós plantamos e é justo que quem planta, colha. Então, eu estou andando pelo Brasil para dizer que nós plantamos, vamos colher. Se alguém tivesse feito isso antes, possivelmente eu estaria aqui fazendo outra coisa. Mas como os que passaram aqui prometeram e não fizeram, nós estamos fazendo.



E lembrar que eu nunca prometi fazer a transposição do rio São Francisco, com a revitalização. Nunca prometi. Já fui muito achincalhado em muitos estados do Nordeste, entretanto, como nordestino e como quem sabe o que significa carregar uma lata d'água na cabeça por seis ou sete léguas, como quem sabe o que significa ver a sua cabrinha, a sua cabeça de gado morrer de sede, eu achei que era possível a gente transpor 1% da água do rio São Francisco, para resolver o problema da parte mais pobre deste país. Por isso aqueles que têm água na geladeira com facilidade são contra, mas aqueles que sabem o que é a sede, aqueles que sabem o que é ir num açude repartir uma cuia d'água com animais, com fezes, com caramujos, sabe da importância do que eu estou falando.

Portanto, eu quero pedir ao povo da Paraíba que não meça esforço. Nós já perdemos um ano, já era para ter começado a fazer o ano passado, perdemos um ano. Eu espero que a gente não perca mais um ano, porque tem muita ação na Justiça, porque tem muita gente que é contra. Mas nós achamos que salvar 12 milhões e meio de nordestinos que moram no semi-árido, de morrer de sede, é um enorme benefício ao povo nordestino que mora no semi-árido. Por isso nós viemos aqui, meu querido general Albuquerque.

Eu acho que depois desta obra aqui e de outras que, certamente, vocês vão fazer, a gente vai poder fazer mais justiça ao nosso Batalhão de Engenharia, a gente vai perceber e poder dizer ao povo: enquanto em alguns países do mundo os exércitos estão se preparando para destruir, aqui, no Brasil, as nossas Forças Armadas estão aptas e trabalhando para construir e não para destruir. Construir aquilo que falta, porque graças a Deus o nosso país é um país de paz, o nosso povo é tranqüilo e nós, na verdade, não temos nenhuma pretensão de fazer guerra com ninguém nos próximos 500 anos. Enquanto não queremos fazer guerra, queremos fazer paz, vamos aproveitar e fazer umas estradazinhas para melhorar a situação do nosso país.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita às obras de duplicação da Rodovia BR-101 Nordeste, no estado do Rio Grande do Norte

São José de Mipibu-RN, 16 de janeiro de 2006

As palavras, aqui, são de agradecimento ao nosso general Albuquerque e ao Exército Brasileiro. Primeiro, porque desde que nós tomamos posse que nós estamos tentando começar a BR-101 Nordeste, levando em conta que esta região aqui, tendo esta estrada duplicada, pegando praticamente quase todos os estados do Nordeste, seria um dos grandes benefícios para o Nordeste brasileiro que, sem dúvida nenhuma, a cada ano que passa tem no turismo uma grande fonte do seu crescimento econômico, da geração de empregos e da distribuição de renda nesta região.

Nós precisamos fazer o projeto executivo, depois entramos em um processo de licitação e, lamentavelmente, depois de feita a licitação, as empresas não entraram em acordo porque, no Brasil, se uma empresa entra com processo contra outra empresa, às vezes uma coisa que poderia demorar dois meses, demora dois anos. Eu vinha contando para a Governadora que no aeroporto de Brasília, por conta de uma ação, a segunda pista ficou paralisada praticamente por dez anos, porque um cidadão resolveu entrar com uma ação contra a construção do Aeroporto.

Pois bem, nós, então, resolvemos propor esse desafio ao Exército Brasileiro: utilizar o seu Batalhão de Engenharia, famoso no Brasil por fazer obras consideradas difíceis em regiões muito difíceis, praticamente inacessíveis. Também é verdade que estava desmontado todo o aparato de máquinas do nosso Batalhão de Engenharia. Logo no começo do governo foi difícil e foi triste constatar que tinha sido desmontado praticamente um aparato que a gente já teve bem melhor e de melhor qualidade. O comandante



Albuquerque reuniu os seus subordinados e decidiu que era uma tarefa que o Exército iria assumir e provar ao Brasil que tinha condições de reaparelhar e fazer funcionar. Então, nós resolvemos dizer para as empresas: se vocês querem ficar brigando na Justiça, vocês fiquem brigando, mas nós vamos utilizar o Exército e vamos começar a fazer esta obra.

E é importante deixar claro que se até quando o Exército estiver terminando esta obra as empresas não pararem de brigar, os outros trechos também nós vamos dar para o Exército, que é para as empresas pararem de brigar e resolverem, então, aceitar fazer as coisas, porque não é possível o que acontece no Brasil, quando você pensa que está tudo resolvido, alguém vai para a Justiça e uma obra que tem urgência, como esta, demora anos e anos.

O governador do Maranhão me dizia que há muito tempo, há uns quatro ou cinco anos, ele participou de um ato onde foi anunciado o começo desta obra. Passaram-se todos esses anos e esta obra não começou. Ela agora está sendo realizada e, junto com ela, uma série de outras políticas estruturantes para o Nordeste brasileiro. Eu penso que em poucos momentos do Nordeste brasileiro a gente está tendo a chance que está tendo agora, de fazer com que o Nordeste tenha definitivamente a oportunidade de se equiparar, do ponto de vista dos investimentos e do ponto de vista do desenvolvimento, igual às regiões mais importantes do nosso país.

E esta Rodovia tem um significado para o Nordeste porque ela é a integração para um turista estrangeiro ou brasileiro que pode descer aqui em Natal, conhecer as praias bonitas de Natal, conhecer a comida, conhecer tudo o que se produz aqui, e depois essa pessoa pode ir de carro ou de ônibus percorrer mais sete, oito ou nove estados do Nordeste, fazendo com que esta região seja ainda muito mais atrativa para os turistas estrangeiros e os turistas brasileiros.

Todo mundo sabe que é impossível convencer um turista a visitar um lugar, se não tiver infra-estrutura. Um turista quer boas estradas, bons



aeroportos, bons restaurantes, boas coisas do ponto de vista do artesanato para comprar e, sobretudo, nós temos o que oferecer de melhor para o turista, que é a sensibilidade e o carinho com que o povo brasileiro trata todas as pessoas que pisam em nosso território.

Por isso, meu caro general Albuquerque, eu queria lhe dizer que é com muito orgulho que eu vejo que o nosso Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro está, mais uma vez, atendendo a uma determinação do seu Comandante e dizendo “nós não tememos desafios. Faremos esta e faremos quantas outras forem necessárias na medida em que o Estado brasileiro e o povo brasileiro precisarem das nossas Forças Armadas”.

Meus parabéns a todos vocês que estão trabalhando aqui, meus parabéns a todo o povo do Rio Grande do Norte, porque saímos daqui agora e vamos para a Paraíba, também, fazer uma visita em um trecho que está começando na Paraíba; depois, vamos a Pernambuco. Eu até pedi para não montar palanque para dizer que não é campanha, porque é assim, lamentavelmente, é assim: se você não faz, vira campanha do adversário, se você faz, diz que é campanha sua. Entre não fazer e fazer, eu prefiro ser criticado fazendo, porque pelo menos o povo sofre menos.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado do Presidente da Argentina, Néstor Kirchner
Palácio do Planalto, 18 de janeiro de 2006**

Senhores ministros de Estado e autoridades integrantes da delegação Argentina e da delegação brasileira,

Meus amigos, minhas amigas,

Jornalistas presentes,

É com grande satisfação que recebemos hoje, em Brasília, o presidente da nação argentina, meu amigo e companheiro Kirchner. Sua visita de Estado ao Brasil é, acima de tudo, uma oportunidade de celebrarmos uma parceria fundamental e que alcançou a maturidade.

Sempre acreditei que nossos países estavam destinados, pela própria geografia, a serem parceiros. Achava que, apenas no futebol, nossa antiga rivalidade persistiria. Mas vejo que até nisso eu estava enganado. A escolha de um argentino, Carlitos Tevez, como melhor jogador do Campeonato Brasileiro de 2005 prova que, também no esporte, nossos países se ajudam e se complementam.

Esta visita de Estado, ao Brasil, do presidente Kirchner é mais do que uma retribuição pela viagem que fiz a Buenos Aires, em 2003. O encontro de hoje é também a celebração de uma parceria que ganhou maturidade e se consolida cada vez mais. Foi essa a mensagem de nosso encontro em Puerto Iguazú, novembro passado, no Dia da Amizade Argentina-Brasil.

O êxito de nossa parceria requer consultas cada vez mais estreitas. Não basta assinar acordos, é preciso garantir que eles sejam postos em prática. Por essa razão, decidimos estabelecer um mecanismo regular de encontros semestrais entre os presidentes. Por isso, também, estamos constituindo



grupos de coordenação para acelerar a nossa colaboração estratégica em setores como transportes, agricultura e energia.

Estreitamos os nossos laços em temas como ciência e tecnologia, coordenação de políticas industriais, trabalho, saúde, intercâmbio militar, cultura, esporte, comunidades fronteiriças e migrantes.

Esses avanços não seriam possíveis sem uma parceria econômica cada vez mais sólida. Em 2005, o comércio bilateral já ultrapassou os 16 bilhões de dólares, um recorde histórico. É um comércio de qualidade dos dois lados, com forte presença de produtos manufaturados, contribuindo para a industrialização de nossas economias.

O Brasil é hoje o principal destino para as exportações de manufaturados argentinos, num valor aproximado de 5 bilhões de dólares.

As exportações brasileiras para a Argentina se concentram em bens intermediários e de capital, que são fundamentais para sustentar o forte crescimento argentino.

Temos consciência, no entanto, de que precisamos trabalhar para que nossas relações econômicas sejam sempre mutuamente benéficas. Desequilíbrios ocasionais em uma relação tão intensa são normais, mas não é do interesse nem do Brasil nem da Argentina que essas assimetrias se tornem estruturais.

Por isso, reiterarei ao presidente Kirchner a disposição brasileira de colaborar na identificação de medidas que ajudem a acelerar a reindustrialização já em curso na Argentina. Estamos abertos a propostas para aperfeiçoar os acordos setoriais que temos em áreas prioritárias, como a automobilística.

A melhor resposta está na aceleração do processo de integração de nossas cadeias produtivas. Dessa forma, em conjunto com nossos parceiros do Mercosul, poderemos explorar as potencialidades de um mercado de mais de 200 milhões de consumidores.

Quando estive em Buenos Aires, em 2003, disse que precisávamos



convencer empresários brasileiros a investir mais na Argentina. Vejo com satisfação que isso hoje é uma realidade. O Brasil tornou-se o quarto maior investidor na Argentina e seu primeiro parceiro comercial.

A Petrobrás está investindo na Argentina. A integração da infra-estrutura é essencial ao nosso progresso. Reiterei ao presidente Kirchner a decisão brasileira de disponibilizar recursos do BNDES e do Proex para o financiamento de exportações de bens e serviços para obras que formam a espinha dorsal de nossa integração.

A construção do gasoduto Uruguiana – Porto Alegre, cujos detalhes estamos discutindo, ajudará a viabilizar o anel energético continental que decidimos construir durante a Cúpula da Comunidade Sul-Americana de Nações, em maio de 2005.

Concordamos que nossa relação bilateral é a pedra de toque para o fortalecimento do Mercosul e a consolidação da Comunidade Sul-Americana de Nações. Temos consciência de nossas responsabilidades na integração regional. Queremos que nossos parceiros do bloco estejam ativamente engajados nesses projetos.

Por isso, discutimos proposta de constituir consórcios em setores de ponta, por exemplo o de construção naval, onde os sócios do Mercosul possam juntar forças e complementaridades. Queremos que essa integração produtiva ocorra igualmente na indústria bélica, aeronáutica e no domínio espacial, entre outras.

Argentina e Brasil têm compromisso com a consolidação de uma área de paz e prosperidade na América do Sul.

Na seqüência das visitas que o presidente-eleito da Bolívia, Evo Morales, acaba de fazer a Brasília e Buenos Aires, Argentina e Brasil estão examinando formas de ajudar esse país irmão, contribuindo para sua integração plena na região e, sobretudo, o bem-estar do povo boliviano.

Reafirmamos também nossa determinação em cumprir a missão que as Nações Unidas nos delegaram no Haiti. Estamos desempenhando nosso



papel. Graças à presença de forças sul-americanas constatamos que, apesar das dificuldades, estão dadas as condições para a realização das eleições naquele país.

Haiti e Bolívia são dois exemplos de como a estreita cooperação entre Brasil e Argentina pode ser benéfica para o progresso e a paz em nossa região. Nossa união potencializa ações entre países irmãos. Separados, o que podemos fazer é relativamente pouco. Juntos podemos levar adiante o sonho de uma integração sul-americana e latino-americana, baseada na paz, na justiça social e na democracia.

Nossos países alcançaram a estabilidade macroeconômica e superaram vulnerabilidades históricas. A decisão de nossos governos de liquidar suas dívidas com o FMI, em particular, reforça a determinação de Argentina e Brasil de redefinirem, de modo coordenado, seu lugar no mundo.

Vamos reforçar nossa colaboração em organismos financeiros multilaterais. Vamos juntar esforços para dotar o Mercosul e a Comunidade Sul-americana de Nações de instrumentos financeiros à altura do desafio da integração.

Nossa cooperação nas negociações comerciais tem sido exemplar: nas discussões da ALCA, na busca de um acordo entre o Mercosul e a União Européia e, sobretudo, na OMC.

Assim como fizemos durante a Conferência Ministerial de Hong Kong, vamos continuar a trabalhar juntos pelo fim dos subsídios e pela redução das barreiras dos países ricos aos produtos agrícolas do mundo em desenvolvimento.

Em tempos marcados por rivalidades e ódios irracionais, continuamos a dar demonstração de transparência e confiança mútua, que é modelo para mundo.

Estamos aperfeiçoando nossa colaboração nuclear no âmbito da Agência Brasileira-Argentina de Contabilidade e Controle. Queremos ampliar nossa cooperação nos domínios nuclear e espacial.



No plano político, nossas convergências em relação aos grandes temas internacionais são cada vez mais evidentes. Onde houver recuos ou percepções distintas, continuaremos a conversar com espírito aberto, dispostos a falar, mas, sobretudo, a ouvir.

A presença de diplomata brasileiro na delegação da Argentina no Conselho de Segurança, em reciprocidade à participação argentina na delegação brasileira em 2004, é altamente simbólica e representa fato inédito na história da diplomacia multilateral.

É este o espírito de diálogo aberto e cooperativo que prevaleceu durante todos nossos encontros. Não poderia haver sinal mais positivo para o futuro das relações entre argentinos e brasileiros.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero prestar uma homenagem especial à liderança do presidente Kirchner.

Sob sua segura direção, a Argentina deixou para trás anos de ceticismo e submissão para encontrar definitivamente seu destino.

Seu governo superou a mais grave crise econômica da história argentina, recuperando o nível de renda e de empregos. Reestruturou uma dívida externa asfixiante e quitou as obrigações financeiras do país, restaurando a presença da Argentina em seu tradicional lugar de destaque na comunidade internacional. Mais do que isso, devolveu o orgulho e a esperança a uma nação rica em história e potencialidades.

Por isso, meu caro companheiro, presidente Kirchner, é motivo de muito orgulho, muito orgulho mesmo, esta sua visita ao Brasil, esta visita de Estado, porque aqui viemos apenas reconhecer que temos muito por fazer, mas que já fizemos, nesse pouco tempo, muito mais do que os céticos esperavam que nós fizéssemos. Sei que muitas vezes Vossa Excelência é criticado por essas relações, por acreditar nesses acordos, muitas vezes sou criticado por essa relação e por esse acordo. Nós dois ganhamos as eleições e existimos, politicamente, exatamente para resolver os desafios que outros não ousaram



resolver.

Certamente, o povo argentino vive momentos de euforia, muito mais do que isso, o povo argentino recuperou a auto-estima de um povo que tem consciência de que a Argentina definitivamente resolveu ser dona das suas decisões. Como dizemos aqui no Brasil, resolveu ser dona do seu próprio nariz, fazer aquilo de interesse do povo argentino, agir democraticamente nas suas relações internacionais, mas sem submissão.

A Argentina e o Brasil, agindo do jeito que estamos agindo até agora, certamente poderemos contribuir muito para consolidar a integração da América do Sul, para consolidar o Mercosul. E sempre de coração aberto para entender que por sermos as maiores economias do nosso continente, nós precisamos ser generosos com os nossos irmãos mais pequenos em quantidade de pessoas ou em desenvolvimento econômico.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que ainda, até o final deste ano, muitos avanços, muitos avanços mesmo, serão colocados em prática na relação Argentina, Brasil; Argentina, Brasil e Mercosul; Argentina, Brasil, Mercosul e toda a América do Sul.

Meus parabéns e boa sorte, companheiro.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de convênios para Saúde na Baixada Fluminense e anúncio dos recursos para retomada das obras do Hospital de Queimados

Queimados-RJ, 20 de janeiro de 2006

Meus amigos, minhas amigas da Baixada Fluminense,

Permitam-me, os deputados e os prefeitos, não citar o nome de todos, porque tem uma relação enorme. Mas eu queria agradecer aos deputados aqui presentes, aos dois senadores.

Querida agradecer aos nossos prefeitos da Baixada Fluminense,

Querida agradecer aos secretários de Saúde que estão aqui,

Quero agradecer a paciência de vocês, porque o Ministério da Saúde, através de seu Ministro, deveria ter dito aqui que a melhor coisa que nós poderíamos fazer para cuidar da saúde do povo da Baixada Fluminense seria a gente falar um pouco menos para que povo tomasse menos sol na cabeça. Eu vou ser breve porque estou satisfeito com o pronunciamento dos prefeitos que me antecederam, vou ser breve porque o Ministro já colocou para a opinião pública da Baixada Fluminense o que está sendo feito na questão da saúde.

Mas eu queria me dirigir, sobretudo, aos companheiros que estão aqui, os nossos companheiros “mata-mosquito”. Eu sei o trabalho de apoio que vocês tiveram na eleição de 2002. Eu sei que naquela época meu adversário não podia andar na rua que vocês andavam atrás dele com os mosquitos. Depois que tomamos posse, nós pedimos para que o Ministro da Saúde cuidasse com carinho de readmitir os companheiros “mata-mosquito”. E nós, agora, temos um problema, eu estava conversando com os deputados aqui, que é preciso resolver, porque há uma decisão do Ministério Público de que a



contratação de vocês é inconstitucional e, portanto, querem que vocês sejam demitidos.

Eu confesso a vocês que no momento em que o país vive uma situação em que ainda precisamos criar milhões de empregos para que a gente possa definitivamente conquistar a cidadania do povo, a gente não pode aceitar sem uma discussão... Eu pedi para os deputados conversarem com os procuradores para que a gente possa garantir a continuidade do trabalho de vocês até que a gente possa, definitivamente, regularizar a situação, porque senão a contrapartida será fazer concurso. E fazer concurso sempre significa que um mais letrado, que não é “mata-mosquito”, vai passar no lugar de alguém que já é “mata-mosquito”. Apesar do concurso ser uma forma transparente, democrática e justa, nós sabemos que muitos não tiveram a oportunidade de estudar como outros e, portanto, nós precisamos dar uma condição, tanto ao governo federal quanto a vocês e ao Ministério Público, um pouco de paciência enquanto nós encontramos uma solução sem ter que dispensar mulheres e homens que prestam um serviço inestimável a este país.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que essas pessoas que me visitaram em Brasília, os prefeitos, eu nunca perguntei para nenhum deles de que partido eram, eu duvido que alguém possa... eu nunca perguntei se eram católicos, evangélicos, se eram ateus, eu nunca perguntei se torciam para o Vasco, para o Flamengo, para o Botafogo, para o Fluminense ou para o Volta Redonda; eu nunca perguntei de que partidos eles eram, e nunca perguntei em quem votaram. A única coisa que me interessava era que eles tinham sido eleitos por homens e mulheres desta região e, portanto, deveriam ser tratados com a dignidade com que o povo brasileiro merece ser tratado.

E estamos fazendo o que estamos fazendo aqui, porque se tem um lugar neste país que precisa da atenção especial do governo federal é a Baixada Fluminense.



Ao longo da minha vida eu vejo na televisão e na imprensa, quando fala da Baixada, fala de violência, quando fala daqui, fala de crime ou alguma coisa... Entretanto, aqueles que praticam grandes crimes de narcotráfico, de crime organizado, certamente não moram na Baixada Fluminense.

E para que a gente possa resolver o problema de todas as pessoas é preciso uma forte política de investimento em saúde. E compreendendo saúde não apenas o hospital ou os postos de atendimento médico ou a farmácia popular, mas sobretudo uma política de saneamento básico, fazendo com que água de qualidade chegue na casa das pessoas, que o esgoto seja recolhido, seja tratado, jogado nos rios para não poluir a água.

E é por isso que o meu companheiro, presidente da Funasa, o nosso companheiro Paulo Lustosa dizia para mim: “presidente Lula, anuncia ao povo da Baixada Fluminense que nós aumentamos em 300%, 3.000% o dinheiro que era investido na Funasa para cuidar de saneamento básico, aqui, na região”. É lógico que vocês também compreendem que muitas vezes essas coisas demoram um pouco. O dinheiro do hospital já está aqui com o convênio, agora é preciso definir o projeto corretamente, fazer a licitação que sempre leva um tempo para fazer, mas uma coisa eu vou dizer para vocês: estejam certos que eu quero vir aqui participar da inauguração deste hospital de Queimados.

Nós temos consciência de quem precisa mais neste país e quem precisa menos. Nós temos consciência quando os prefeitos da região me procuram em Brasília e falam para mim: “Presidente, não deixe o pólo petroquímico ir para outra região, a região da Baixada é a mais pobre, a mais numerosa. É nessa região que tem quase 6 milhões de habitantes, é nessa região que tem mais desemprego”. Lógico que eu não posso decidir ainda, mas podem ter certeza de que eu não governo apenas com a racionalidade da cabeça, mas com a sensibilidade do coração para saber quem mais precisa, porque este é o papel do governo, é cuidar do mais pobre.

É por isso que nós temos 8 milhões e 700 mil famílias recebendo o



Bolsa Família. É pouco? É pouco, mas estamos dando à família o direito de comprar a ração básica, é por isso que eu vi na televisão, esses dias um saco de cimento a 8 reais. Quando eu tomei posse estava 22,50 e está 8 reais hoje. É por isso que as donas de casa estão comprando sacos de arroz de cinco quilos, que custavam 13 reais, por 4,80 ou por 5,20. Porque as coisas demoraram para ser consertadas, a casa estava desarrumada, as coisas estavam encrocadas e vocês viram que esta semana eu fiz um pronunciamento devolvendo ao FMI um dinheiro que tinha sido colocado à nossa disposição por causa da crise de 1998 e 2001, que nós estávamos pagando juros.

Eu tomei a decisão, chamei o ministro Palocci e falei: Palocci, graças a Deus nós batemos recorde de exportação, graças a Deus as nossas reservas líquidas hoje são de 55 bilhões de dólares. Vamos dizer ao FMI que nós não precisamos mais do dinheiro deles e vamos devolver esse dinheiro para eles. E devolver o dinheiro porque nós agora conquistamos a independência de verdade, nós agora conquistamos a nossa soberania de verdade. Agora, cada um de vocês pode bater no peito e dizer: o Brasil não tem mais que viajar mendigando empréstimo para o FMI ou de quem quer que seja.

Os trabalhadores brasileiros produzem produtos de qualidade, nós não exportamos apenas soja ou minério de ferro, exportamos produtos industrializados, peças feitas pelas mãos de vocês e é por isso que estamos ganhando competitividade, é por isso que estamos dobrando as exportações. Tudo isso, meus amigos e minhas amigas, incomoda algumas pessoas, mas tudo isso também me obriga a saber da responsabilidade que tenho. Como Presidente da República, eu nunca posso falar tudo aquilo que às vezes a minha cabeça quer que eu fale. Muitas vezes, sou obrigado a me conter para não fazer os desabaços que eu tenho vontade de fazer, até porque um presidente da República tem que agir com a sua Nação, com o povo deste país, como um pai responsável age com seus filhos, com muita paciência, com



muito cuidado, sem permitir que esses filhos percam a esperança de um mundo melhor.

Este ano, aqui em Nova Iguaçu, vai começar uma universidade. Nós estamos fazendo quatro escolas técnicas aqui nesta região e mais uma em São Gonçalo. Nós já fizemos a Universidade lá em Volta Redonda e vamos fazer um pouco mais porque nós precisamos garantir para os nossos filhos uma melhor formação profissional do que aquela que nós herdamos dos nossos pais, do que aquela que os nossos pais herdaram dos seus pais por conta da situação do país.

É por isso que nós criamos o ProUni, garantindo até agora 203 mil bolsas, das quais 30% para homens e mulheres negros que estavam marginalizados, neste país, de entrar na universidade. São bolsas para pobres da periferia que estudaram na escola pública. E vamos fazer muito mais porque este é um ano de uma colheita muito grande. É por isso que, de vez em quando, vocês vão ver algumas pessoas dizendo: “esse ato de Queimados é campanha eleitoral. A inauguração de uma estrada é campanha eleitoral.” Se eu não fizesse, era campanha eleitoral para eles. Se eu faço, eles dizem que é para mim. Entre fazer para eles e fazer para mim, eu prefiro fazer para nós, aqui, do que fazer para eles.

Agora, este é um ano muito promissor para o Brasil. A economia vai crescer, vai ter mais empregos, vamos fazer muito mais obras de infraestrutura. E dentre essas obras de infra-estrutura, a questão do saneamento básico, a questão da água e a questão do emprego são coisas primordiais para o povo brasileiro.

Mais uma coisa importante: está no Congresso Nacional um projeto de lei para criar o Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica. Os educadores que estão aqui sabem do que eu estou falando. O Fundeb vai colocar na educação, a partir deste ano, 1 bilhão e 300 milhões de reais a mais. Hoje, nós cuidamos apenas do ensino fundamental, da 1ª à 8ª série. Com o Fundeb, nós



vamos cuidar das crianças a partir de zero ano, na creche, na pré-escola, até o ensino médio, para garantir que os filhos dos pobres possam, ao entrar na escola com sete anos, estar tão preparados como está o filho de alguém que tem um pouco mais de posses e pode pagar.

Da mesma forma que eu anunciei quatro escolas técnicas aqui, mais uma de São Gonçalo, em Realengo, eu queria dizer para vocês: no Brasil estava proibido fazer escola técnica, estava proibido por lei. Só poderia fazer se o governo do estado assumisse a administração, ou a prefeitura. Nós mudamos a lei e, este ano, eu vou inaugurar 25 escolas técnicas neste país, para profissionalizar. Estão me dizendo aqui, 27.

Acabamos de mandar para o orçamento mais 350 milhões de reais para recrutar 100 mil jovens a mais para as Forças Armadas brasileiras, para aprenderem uma profissão nas Forças Armadas e aprenderem disciplina, pois nós precisamos muito criar lideranças com espírito de disciplina e de hierarquia.

Muito mais do que isso, o ProJovem, que ainda não chegou ao interior. São mais de 200 mil vagas para jovens de 17 a 24 anos que não completaram o ensino fundamental. Nós estamos pagando 120 reais por mês para eles voltarem a estudar e para poderem fazer um serviço. Algumas prefeituras não assumiram a totalidade das vagas. São Paulo, por exemplo, teve 30 mil inscritos e não teve as vagas ocupadas, porque depende muito do trabalho da prefeitura. Aqui, no Rio de Janeiro, foram mais de 30 mil inscritos e só tem oito mil cursando, porque tem problema. Nós, agora, vamos entrar para a região metropolitana, porque depende muito da parceria com o prefeito e com o governo do estado.

Queria terminar dizendo uma coisa para vocês. Eu digo sempre que mentira tem pernas curtas. Durante muito tempo aqui neste estado, algumas pessoas, com a maior desfaçatez, diziam que o governo Lula não gostava do Rio de Janeiro e, por isso, não investia aqui. Eu vou dizer um número para



vocês. O governo federal, entre verbas constitucionais, verba do Orçamento da União e de política pública, o dinheiro que vem de Brasília para cá é 54% de tudo que o estado do Rio de Janeiro arrecada, é tudo. Só para ter idéia, só em dinheiro de programas sociais, são 766 milhões por ano. Eu duvido que em algum ano da história do Rio de Janeiro, ele recebeu essa quantidade de dinheiro.

Nós queríamos fazer a Farmácia Popular junto com a governadora, junto com o prefeito. Lamentavelmente, não foi possível fazer o acordo. Nós queríamos fazer o programa Bolsa Família junto com o prefeito, junto com a governadora, para colocar um cartão só dizendo: isso aqui é da prefeitura, do governo estadual e do governo federal, não sei por que eles não quiseram. Mas é importante fazer justiça, porque o prefeito César Maia tem dito em todo canto que nesses últimos 20 anos nenhum presidente da República deu ao Rio de Janeiro, em 20 anos, a quantidade de dinheiro que nós demos em apenas 36 meses de governo.

Por isso, eu saio daqui feliz porque quando eu desci aqui e me deparei com a fisionomia de vocês, eu disse a mim mesmo: essa é a minha gente porque essa é a minha cara. A minha cara não é a cara da Zona Sul, não é a cara da Avenida Paulista, a minha cara é a cara do povo sofrido deste país que clama por justiça. Mais do que a cara, o sangue que corre nessas veias aqui é o sangue de um retirante nordestino que não esquece o sofrimento desse povo e que lamenta todo dia não poder ter feito muito mais, mas com paciência e mais paciência, podem ficar certos que nós haveremos de fazer com que esse povo sofrido sinta orgulho de ter votado num igual a eles para ser presidente da República deste país.

Vocês sabem que só em Duque de Caxias nós gastamos, praticamente, 900 milhões de dólares para fazer a Reduc. Vocês sabem o que nós fizemos na indústria naval do Rio de Janeiro, acaba de ter a licitação dos navios, mas tem gente que diz que não é nossa, que é deles. Eu não vou ficar discutindo



quem é o pai da criança, eu quero saber quem é que está cuidando da criança, quem é que está dando comida para a criança, quem é que está alimentando e educando essa criança.

Por isso, eu quero agradecer aos prefeitos o carinho com que eu fui recebido aqui nesta região. Certamente, tem gente que não esteja gostando que estejamos aqui, a mesma gente que deixou esse esqueleto há 20 anos paralisado não está gostando, a mesma gente que não quer que o povo tenha acesso à cidadania: “Ah! Vai levar água para a Baixada? Se vai levar, vai ser ruim. Por que como é que nós vamos criticar? Nós temos que ter coisa errada para criticar. Vai fazer hospital? É coisa ruim”. A esses eu peço desculpas, porque entre não fazer para agradá-los e fazer o que é justo para o povo brasileiro, eu vou fazer o que é justo para o povo brasileiro.

Muito obrigado e até outro dia se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da medalha Prata – 30 anos de Inmetro**

Duque de Caxias-RJ, 20 de janeiro de 2006

Meu querido companheiro Furlan, ministro do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior,

Meu querido companheiro Sérgio Rezende, ministro de Estado da
Ciência e Tecnologia,

Senador Marcelo Crivella,

Senador Saturnino Braga,

Deputado Federal, Alexandre Cardoso, dr. Heleno, Reinaldo Betão e o
companheiro, deputado Simão Sessim,

Meus companheiros Washington Reis, prefeito de Duque de Caxias,

João Alziro Hertz da Jornada, presidente do Inmetro,

Senhoras e senhores,

Meu caro Jairo Klepacz, secretário de Tecnologia Industrial do Ministério
do Desenvolvimento,

Na verdade é uma visita, não tem pronunciamento. Apenas dizer para
você que é motivo de orgulho saber que em algum tempo alguém pensou em
construir uma instituição da magnitude do Inmetro. Lamentavelmente depois
que o Inmetro foi pensado e construído vieram outros governantes e acharam
que o Inmetro não era tão necessário e deixaram de fazer os investimentos
para que o Inmetro pudesse se transformar numa instituição muito mais
importante, muito maior e muito mais prestadora de serviço e de qualidade à
sociedade brasileira do que ele é hoje.

Não foi pouco o tempo que vocês ficaram hibernando à espera de que
alguém se preocupasse. Até porque no Brasil houve um tempo em que discutir



política industrial era crime, era proibido, o Brasil não precisava, era apenas um mercado que iria decidir. E nós resolvemos retomar a discussão e definir uma política industrial para o Brasil, da mesma forma que resolvemos fazer investimentos em áreas que nós entendíamos e entendemos sem as quais o Brasil não se transformará e não será o país competitivo e respeitado que nós queremos que ele seja.

Sempre haverá aquelas pessoas e, com muita razão, às vezes, lembrando a gente do que falta fazer. Eu, toda vez que encontro com o Sérgio Rezende, ele lembra que tem fundo contingenciado e, portanto, nós temos que liberar.

Vocês viram a obsessão do Furlan pelo dólar, porque ele olha muito o lado do exportador, mas o lado do comprador ele não olha, o lado do devedor ele não olha. De forma que é com esse ponto de equilíbrio, entre os pensamentos que temos, que nós vamos fazendo as coisas acontecerem.

Eu vinha no avião e o Furlan vinha me contando um pouco da história do Inmetro, vinha me contando que há mais de um ano ele discutiu com o Ministério do Planejamento para resolver o problema do Plano de Carreira de vocês e, ao mesmo tempo, o concurso que foi autorizado agora, em dezembro de 2005, para 509 ou 590 pessoas. Eu sei que tem 9, é 90 ou é 9. Não é 19, nem 29, nem 39.

Eu fiquei preocupado porque toda vez que nós pedimos um concurso, nós somos vítimas de muitas de agressões pelo... às vezes a imprensa entende que um concurso que queremos fazer é inchaço da máquina, é para colocar petista. É assim que, muitas vezes, as coisas são vendidas quando, na verdade, o Estado brasileiro, quem teve acesso ao Estado brasileiro percebe que ele estava totalmente desestruturado. Houve um momento, no Brasil, em que se achou que entregando tudo para a iniciativa privada, nós teríamos o nosso problema resolvido. Então, não se queria mais cuidar da estrada, não se queria cuidar mais da escola, não se queria cuidar mais do Inmetro, não se



queria cuidar mais das universidades, então dá uma impressão de que o Estado brasileiro não precisaria existir.

E quando nós tomamos posse, nós descobrimos que várias áreas importantes do Brasil para funcionar têm que contratar gente. Veja, agora é que nós autorizamos a contratação de 5.900 professores para repor professores que saíram da primeira reforma da Previdência que foi feita, ainda no governo anterior, então o que nós estamos fazendo é repondo os quadros que o Estado brasileiro necessita para cumprir com o seu papel de Estado.

E o Furlan me dizia: “Presidente, demorou um ano e tem o problema do Plano de Carreira, que é complicado, porque as pessoas vão ao Inmetro, prestam concurso, passou no concurso do Inmetro é um passaporte diplomático para outro lugar, e aí você tem empresas que pagam muito melhor, mesmo públicas, empresas privadas que pagam muito melhor”. Então, uma pessoa que passa num concurso do Inmetro, ela está mais credenciada, é como um ministro que viaja para os Estados Unidos e não tem que tirar o sapato para poder entrar nos Estados Unidos com o passaporte diplomático.

Então eu disse... o Furlan anunciou, na hora eu fico preocupado porque essas coisas no governo, não sei se aqui no Inmetro funcionam assim, às vezes você toma uma decisão e você passa a decisão para um cargo secundário que vai... sabe, o segundo escalão é que vai cuidar daquilo, encaminhar, e às vezes aquilo fica parado um mês, dois meses, três meses, quatro meses, cinco meses e se não tiver alguém, como diz o bom mineiro, “catucando” o tempo inteiro: cadê? Não sei das quantas, as coisas vão acontecendo, são muitos os problemas.

Às vezes você recebe uma pilha de 30 demandas, às vezes quando você vai começar a resolver a primeira aparecem mais 30, então a coisa vai caindo... Eu disse ao Furlan que ele deveria assumir o compromisso com vocês, se ele não disse tão categoricamente, mas do próprio avião eu liguei para o ministro Paulo Bernardo e disse para ele que o Furlan, até o dia 1º de março,



vai anunciar para vocês a definição do Plano de Carreira dos companheiros e das companheiras do Inmetro.

Depois nós temos a questão da Embrapa aqui também, porque são instituições que as pessoas são muito qualificadas pela exigência do concurso, prestam serviço de grande importância para o estado e para o povo brasileiro, mas na hora de pagar salário essa importância toda que nós damos não aparece no contracheque e nós temos outros problemas... nós fazemos o concurso para a Advocacia-Geral da União, as pessoas passam e depois vão trabalhar na Câmara, no Senado, na Petrobras, no Banco do Brasil, no BNDES, na Caixa Econômica.

Ou seja, o que é justo é as pessoas quererem ganhar mais, portanto, se virarem, e eu acho que não adianta nada a gente fazer um concurso de 500 e poucas pessoas, depois ter 500 e poucas pessoas aprovadas, e na hora de fazer o chamamento, ou seja, só aparecem 30, 20, 40 ou 50, porque o restante já foi para outro lugar. Então, se depender do Plano de Carreira, isso acaba no dia 1º de março, vamos ter claro que isso acaba. No dia 1º de março o Furlan terá que comunicar a vocês, não que começou a discussão, mas que encerrou a discussão e mostrar para vocês o Plano de Carreira.

No mais, Jornada, dizer que depois que a gente assume a Presidência de um país como o Brasil e depois que a gente vai conhecendo as coisas que o Brasil tem competência para produzir, para fazer, eu fico imaginando se durante tanto tempo este país não tivesse sido segurado, não tivesse ninguém puxando as rédeas do país, acho que o Brasil poderia ter dado um passo muito maior. Eu tenho uma tese que eu defendo, de que o século XXI é o século do Brasil e da América do Sul. Acho que neste século poderemos conquistar o direito de sermos chamados “país de primeiro mundo”.

Eu tinha pedido para o Sérgio Rezende falar, ele não quis falar, porque é muito inibido e tal, mas o que aconteceu nesses 36 meses na área de Ciência e Tecnologia é motivo de orgulho para o Brasil. Nós tínhamos previsto formar



10 mil doutores no final do nosso mandato e já formamos 10 mil doutores este ano que terminou agora e é possível formar muito mais, ou seja, com o trabalho de financiamento que temos feito em parceria com empresas, nós temos produzido muita coisa na área da Ciência e Tecnologia e somente assim o Brasil vai ocupar um espaço no mundo.

Muita gente passou a idéia no Brasil, durante muito tempo, que vender, sobretudo vender produtos e vender tecnologia, dependia muito se as pessoas de fora iriam gostar ou não do Presidente da República, se o Presidente teria os olhos verdes. Não existe isso no mundo dos negócios. No mundo dos negócios o que existe é o seguinte: primeiro, é a competência para fazer negócio, é competência. Ou seja, quem quer vender não pode ficar dentro de casa esperando que um dia vá descer no porto ou no aeroporto um comprador das nossas coisas. Nós é que temos que sair para o mundo e vender.

Hoje, graças a Deus, o Brasil não é visto mais, e daí aumenta muito a importância do Inmetro, o Brasil não é mais visto como um país exportador de produtos *in natura*, grãos e minério de ferro, não. Hoje o Brasil está exportando produtos manufaturados, que já representam mais de 25% de tudo que nós exportamos, 55%. Imagina, eu ainda não passei o resultado pelo Inmetro, o Furlan já passou, então ele sabe que é mais.

E cada vez mais o mercado internacional é mais exigente, porque tem muita gente oferecendo os mesmos produtos que nós oferecemos. Quando você tem dois produtos similares para você comprar, você vai escolher o quê? O que te dá mais garantia, o que te garante mais do ponto de vista da duração e do cumprimento da vontade e da necessidade que você tem.

Então o Inmetro vai ter que crescer. O Inmetro vai ter que trabalhar muito mais. Trabalhar mais, pelo que o Furlan falou, vocês já trabalham bastante. Vai crescer ocupando todo o espaço que tem disponibilizado aqui, mas vai crescer, sobretudo, aumentando o número de PhDs que nós precisamos ter.



Logicamente que toda vez que a gente cresce, isso vocês têm... o Jornada me contava que a discussão com os americanos, em que eles diziam que a gente não deveria fazer coisas que tem aqui, porque eles prestariam o serviço para nós... A verdade é que nenhum competidor quer que a gente faça coisas que possam competir com eles. Se nós quisermos ficar dependentes, melhor para todo mundo. É por isso que nós resolvemos devolver os 15 bilhões do FMI. Era um dinheiro que veio para o Brasil em função de uma crise muito difícil. No terceiro ano de governo, bom... estamos com a economia estabilizada, estamos com muitas reservas, muitas, mais do que eu acho que nós precisaríamos. Então para que vamos ficar pagando juros de um dinheiro que nós não vamos precisar?

Eu acho que vocês passam por essa experiência. O Inmetro, na medida em que ele vai ser mais exigido, na medida em que o Brasil vai crescer muito mais e vai exportar muito mais, vocês vão ter muito mais serviço. E para ter muito mais serviço, nós temos que ter duas coisas: ter mais gente e mais gente qualificada e muito qualificada. E se a gente exige muita qualificação, nós precisamos dar aos técnicos qualificados o salário que a qualificação da profissão exige que as pessoas tenham. Porque vocês sabem que, no setor público, ganhar razoavelmente bem é sinônimo de ganância. As empresas, certamente, pagariam para alguns especialistas aqui dez vezes mais do que ganham aqui. Nós estamos cansados de ver pessoas que trabalham em empresas brasileiras, que trabalham no Estado, serem chamadas para trabalhar em uma empresa privada, em um banco. Aí você pergunta: "quanto você ganha? Ah, eu ganho 30 mil, ganho 40 mil, ganho não sei quanto". E quanto ganha um técnico aqui? Três mil, 2 mil, 2 mil e 800.

Então, na verdade, nós somos um país formador de mão-de-obra para atender as necessidades da iniciativa privada e não um país formador de mão-de-obra que também deve atender. Mas o Estado brasileiro, ao investir na qualificação de pessoas para as suas instituições, o Estado brasileiro não pode



formar um ser humano, qualificá-lo e depois perdê-lo, como acontece com vocês, como acontece com a Embrapa. Só não perde a Petrobras, eu nunca vi ninguém querer sair da Petrobras, nem do BNDES, nem do Banco do Brasil, nem da Caixa Econômica. Onde as pessoas estão bem politicamente, financeiramente e o ambiente é bom, as pessoas não querem sair.

De forma que, não fiquem acanhados, podem nos cobrar, que hoje eu tenho um pouco mais, depois de visitar, depois de ouvir o Furlan falando uma hora e vinte no meu ouvido sobre o Inmetro, depois de ver o Sérgio Rezende falar o tempo inteiro, depois de ver o Jornada falar esse percurso todo que eu fiz aqui, eu saio muito mais convencido da importância que vocês e que o Inmetro têm para o Brasil grande que nós queremos.

Parabéns a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de Inauguração da Ponte de Integração entre Brasil e Peru
Assis Brasil – AC, 21 de janeiro de 2006**

Excelentíssimo senhor Alejandro Toledo, presidente da República do Peru,

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre

Meu caro José de La Rosa del Maestro Rios, presidente regional de Madre de Deus,

Ministros do meu governo,

Companheiro Antonio Palocci, ministro da Fazenda; Alfredo Nascimento do Transporte; Miguel Rossetto, do Desenvolvimento Agrário; Marina Silva, ministra do Meio Ambiente; Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

Ministros de estado peruanos e integrantes da comitiva do Peru,

Meu caro Tião Viana, nosso querido senador,

Meu caro Siba Machado, nosso senador da república,

Minha querida companheira deputada Perpétua Almeida,

Deputado Júnior Betão, Zico Bronzeado,

Parlamentares, não estão todos os nomes aqui portanto eu não posso repeti-los todos. Eu sei que meu companheiro Nilson Mourão estava aí, mas ...não está ouvindo? Sinta meu coração que vocês vão ouvir o que eu estou falando.

Meu querido Manuel Almeida, prefeito de Assis Brasil,

Meu querido Mário Monte, prefeito de Iñapari,

Senhoras e senhores deputados estaduais, prefeitos da região, Leila Galvão de Brasília; Francisco Déda de Rodrigues Alves e José Ronaldo de



Passolândia,

Meus companheiros, minhas companheiras,
Irmãos e irmãs do Peru, do Acre e do Brasil,

Em agosto de 2004, ao lado do Presidente Toledo e do Presidente Carlos Mesa, da Bolívia, vim aqui para lançar a pedra fundamental da obra que hoje estamos inaugurando. Cumprimos a promessa que fizemos naquela ocasião: deixar de fazer discursos vazios sobre a integração e começar a construir uma aliança concreta entre nossos países.

Esta ponte sobre o Rio Acre é o símbolo maior da Aliança Estratégica que Peru e Brasil forjaram no ano de 2003.

Estamos tornando realidade um imenso potencial de cooperação e parceria. Habilitamos nossos cidadãos e nossos produtos a transitar livremente entre vizinhos que começam a se conhecer melhor.

Esta ponte, construída pelo governo do Estado do Acre com o apoio do Governo Federal, é o primeiro passo na realização de outro sonho antigo: a ligação sul-americana entre o Pacífico e o Atlântico.

Há quatro meses, participamos, em Puerto Maldonado, do lançamento das obras da Rodovia Interoceânica.

Ela está sendo executada graças à iniciativa do Presidente Toledo, com apoio do meu Governo e da iniciativa privada brasileira.

Muitas vezes a natureza separou nossos países por rios.

Muitas vezes, ainda, faltou aos governantes a determinação necessária para superar esses obstáculos e forjar caminhos capazes de unir nossos povos.

A iniciativa que hoje celebramos, com esta inauguração, mostra que estamos fazendo a nossa parte.

É por isso que quero reconhecer de público o empenho e visão das lideranças dos dois lados do Rio Acre e, em particular, do meu querido e companheiro Jorge Vianna.



Com entusiasmo e determinação, eles viabilizaram essa primeira ponte que une o Peru e o Brasil ao longo de mais de 3 mil quilômetros de fronteira.

Com igual obstinação, vamos transformar em realidade os anseios da comunidade amazônica: - faremos desta região um espaço de integração, aproximando nossa gente e promover uma rica convivência no coração do sub-continente.

A inauguração desta obra é também o início de um novo capítulo na história dos povos da Amazônia. Uma história de busca por maior participação no desenvolvimento econômico, social e político de nossos países.

No início do século passado, Euclides da Cunha já descrevia o contraste entre a exuberância da região e seu flagrante atraso econômico e social.

Estamos trabalhando para que a Amazônia deixe de ser uma região “À Margem da História”, como denunciou Euclides da Cunha em seus escritos.

Esta região de riquezas incomparáveis está destinada a ocupar um papel central na vida de nossas nações.

Peru e Brasil estão mostrando que – juntando os esforços e vontade - é possível alavancar o progresso ao longo de nossa fronteira comum, e respeitar o meio ambiente e sobretudo as populações indígenas.

Estamos nos associando para favorecer investimentos produtivos na Amazônia. Da interconexão energética até a exploração sustentável da mais rica biodiversidade do planeta estamos descobrindo sinergias e afinidades.

A ponte Assis Brasil – Iñapari traz benefícios imediatos para essas duas cidades irmãs.

Mas, sobretudo, ela abre perspectivas de desenvolvimento e de inclusão social. Agiliza o acesso das comunidades locais aos principais centros urbanos.

Torna mais competitivas as exportações da região para os mercados internacionais do Pacífico e do Atlântico.

Facilita a presença do Estado em regiões antes isoladas, coibindo a exploração ilegal de madeira e levando às comunidades locais saúde, educação e esperança.



Meu querido amigo e companheiro Presidente Toledo,

Nossas relações bilaterais atravessam um período excepcional.

Prova disso são as ações concretas de cooperação e a intensificação de nosso intercâmbio em todos os campos.

Nossa Aliança Estratégica gerou compromissos fundamentais.

Pela via do comércio estamos entrelaçando duas economias cada vez mais complementares.

A multiplicação de missões empresariais e a assinatura do Acordo de Livre Comércio Mercosul-Peru farão o intercâmbio bilateral ultrapassar o valor recorde de 1,4 bilhão de dólares alcançado em 2005.

Hoje, aprofundamos esta integração. O acesso do Peru aos sistemas SIVAM-SIPAM amplia nossos conhecimentos sobre a Amazônia e reforça sua segurança. O Acordo que assinamos de dispensa do uso de passaportes aproxima os nossos povos.

Meu querido Presidente Toledo,

O que estamos fazendo aqui hoje se repete em todos os cantos de nossa região. Multiplicam-se as iniciativas de integração física, política e econômica da América do Sul. Sob a inspiração de Vossa Excelência estamos construindo o compromisso que assumimos em Cusco de constituirmos a Comunidade Sulamericana de Nações. Sua proposta de criação de mecanismos de financiamento inovadores no âmbito da IIRSA começa a dar frutos. Hoje, os organismos financeiros internacionais reconhecem a importância de os Estados investirem em obras cruciais para o desenvolvimento de nosso continente e o bem-estar de nossos povos.

O encontro que estamos celebrando sobre a ponte que agora liga nossos dois países nos deixa mais próximos do ideal que une o conjunto de nossa querida América do Sul. Estamos fazendo renascer a esperança de peruanos e brasileiros no crescimento com justiça e na vizinhança solidária.



Meu querido presidente Toledo, queridos ministros peruanos e brasileiros, queridos deputados peruanos e brasileiros, queridos companheiros brasileiros e peruanos, jornalistas peruanos e jornalistas brasileiros.

Muita gente estranha quando, em alguns momentos, falamos da importância da obra que estamos realizando e, muitas vezes, somos obrigados a falar pela primeira vez. Mas é indescritível que um país que tem o potencial que tem o Brasil, que tem a economia mais rica da América do Sul, que tem a indústria mais forte da América do Sul, não tenha, há 100 anos, pensado em construir uma ponte singela como esta para permitir que os nossos povos, que os nossos produtos, que a nossa cultura possam transitar livremente entre dois países, fazendo com que a economia cresça tanto no Peru quanto no Brasil.

É indescritível que, durante muitos séculos, um país da importância do Brasil e, certamente um país da importância do Peru, tiveram dirigentes muito mais voltados para a Europa e para os Estados Unidos do que voltado para os seus próprios vizinhos, que poderia ajudá-los a crescer muito mais.

Eu tenho 36 meses de governo, Toledo está terminando o seu mandato, mas tenho certeza, companheiro Toledo, que a história irá dizer alto daqui a alguns anos que esta geração de governo representada por você, por mim, por Kirchner, por Tabaré, por Nicanor, pelo agora recém-eleito Evo Morales, pelo companheiro Uribe, pelo governo do Equador, pelo presidente Lagos. Eu tenho certeza que a história irá registrar que nós fizemos, em poucos anos, para a integração da nossa América do Sul, mais do que tantos que passaram fizeram em um século.

E não fizeram isso porque não sabiam que precisava, não fizeram isso porque não sabiam a extensão dos nossos rios; não fizeram porque tinham a cabeça colonizada, mesmo depois da conquista da independência. Eram dirigentes que acreditavam que, da Europa e dos Estados Unidos, viria o nosso desenvolvimento; eram dirigentes que acreditavam que não poderíamos abrir as nossas fronteiras, fazermos a interligação porque os pobres dos vários países iriam transitar para os Estados mais ricos e que, portanto, ao invés do



desenvolvimento iríamos ter problema com pobres peruanos vindo para o Brasil, e pobres brasileiros indo para o Peru, com pobres brasileiros indo para a Bolívia e pobres bolivianos vindo para o Brasil, e assim sucessivamente em cada país.

O que nós estamos fazendo hoje, ao vermos este povo atravessar aquela ponte e depois assistirmos dois caminhões que estão aí carregados, aguardando para fazer a primeira travessia, levando produtos brasileiros para Puerto Maldonado, é a demonstração de que o Brasil e o Peru resolveram, depois de muitos séculos, andar pelas suas próprias pernas, falar pela sua própria boca, pensar e decidir pela sua própria cabeça.

Nós temos consciência de que o século XXI será o século da América do Sul. Nós temos consciência de que, se a Europa se transformou no que se transformou no século XIX, se os Estados Unidos se transformaram no que se transformaram no século XX, a pergunta que eu faço é “por que o século XXI não pode ser o século da América do Sul e da América Latina?” Não será se continuarmos a ter, no nosso Continente, governantes que pensem de forma pequena e de forma desrespeitosa com o seu próprio povo, imaginando que tudo o que vem dos Estados Unidos é bom para nós, ou que tudo o que vem da Europa é bom para nós.

Nós, peruanos e brasileiros, queremos ter a melhor relação com o mundo inteiro, a melhor relação, a mais democrática, a mais respeitosa, mas também queremos dizer ao mundo: “queremos ter o mesmo direito de crescermos, de nos desenvolvermos e de poder gerar riqueza suficiente para garantir que neste século o povo pobre deste Continente possa ganhar a mesma cidadania que os americanos e os europeus conquistaram há séculos”.

Queremos garantir que este Continente, muito rapidamente recupere o tempo perdido. Esqueçam o tempo da subserviência e ajam em cada país, pensando de forma soberana e pensar de forma soberana será a gente reconhecer que não basta a economia crescer, não basta o nosso PIB crescer, é preciso estar crescendo o dinheiro no bolso da parte mais pobre da



população, de cada um de nossos países. É preciso saber se a educação está chegando na parte mais pobre da população, é preciso saber se os empregos estão contemplando a necessidade de trabalhar da gente mais pobre de cada um dos nossos países.

Por isso, quero dizer a vocês, duas alegrias incontáveis na minha vida: a primeira, quando fui à Brasília com o nosso querido Jorge Viana e o presidente da Bolívia, inaugurar uma pequena ponte, e o Toledo também estava presente, só passa um carro de cada vez. Alguém que não conhece poderia dizer: mas um presidente vir inaugurar esta ponte pequena? Ela era pequena, mas foi a primeira construída entre Brasil e Bolívia para que o povo pudesse transitar.

Outros podem dizer: mas o presidente Toledo e o presidente Lula inaugurando esta ponte, poderia ficar para o governador, porque eles quando inventaram de fazer uma ponte que o Jorge disse aqui de 745 metros para um rio de 150 metros, possivelmente esses metros todos fossem para justificar a vinda dos presidentes. Nós não olhamos o tamanho da ponte, nós olhamos a necessidade da ponte e essa nossa ponte não tem os 745 metros projetados anos atrás. Essa ponte tem apenas o tamanho da nossa consciência, da nossa honestidade e da necessidade do povo do Peru e do Povo brasileiro.

Que Deus te abençoe companheiro Jorge Viana, que Deus te abençoe, porque o Jorge Viana trabalhou como um leão para que essa ponte pudesse ser feita. Nós exigimos demais dele. As fotografias dessa ponte mostram que a mão dos trabalhadores dos dois países foram sacrificadas para que a gente pudesse, hoje, depois de 14 meses, estarmos aqui inaugurando.

Portanto, meu querido Jorge, não tem medalha, não tem comenda que Toledo e eu possamos te dar que seja maior do que o respeito e a admiração que Toledo e eu temos por você.

Boa sorte meu querido e até a outra ponte.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Discurso do Presidente da República



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no
lançamento oficial do Projeto Modelo de Assentamento Agroflorestal
Rio Branco – AC, 21 de janeiro de 2006**

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Meu querido companheiro Palocci, ministro da Fazenda,
Meu companheiro de Garanhuns, me espera aí que eu vou lhe dar um
abraço, tenha paciência.

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Minha querida companheira Marina, ministra do Meio Ambiente,
Meu querido Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Meu caro e querido Samuel Pinheiro Guimarães, nosso Secretário-Geral
do ministério das Relações Exteriores,

Meu caro Raimundo Angelim, prefeito de Rio Branco,
Meu caro Celso Ribeiro, prefeito de Senador Guimard,
Meu querido companheiro, muito companheiro, que está comendo o pão
que o diabo amassou lá no Congresso Nacional, Tião Viana, mas que não
perde a calma,

Meu querido companheiro Sival Machado, companheiro que é uma
surpresa agradabilíssima para nós, porque ele assumiu no lugar da
companheira Marina e tem feito do seu mandato um orgulho para o povo do
Acre,

Minha querida Perpétua Almeida,

Meu querido Nilson Mourão,

Meu querido Júnior Betão,

Meu querido Sérgio, que eu encontrei em 1993 no projeto Reça quase
na divisa entre Acre e Rondônia, que eu fui conhecer pela primeira vez esse
projeto,



Meu querido Raimundo Macedo, presidente da Cooperativa Bom Destino,

Meu caro Lourival Ferreira, presidente da Associação dos Seringueiros,
Minha querida Antonia Miranda, membro do Conselho Deliberativo da Nova Bonão,

Meu caro Michel Abraão, prefeito de Bujari,

Senhor Rui Coelho, prefeito de Porto Acre,

Meu caro senhor Paulo, prefeito de Plácido de Castro,

Joais dos Santos, prefeito de Capixaba,

Tião Bocalon, prefeito de Acrelândia,

Meus queridos companheiros deputados estaduais, vereadores,
moradores do Assentamento Nova Bonão,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros e minhas companheiras,

A vantagem de ter um pernambucano de Garanhuns na frente da gente, quando a gente está falando, é porque eu fico com a convicção de que a presença de Pernambuco no Acre já cresceu 100%. Eu achava que era só eu, agora tem você aí, já cresceu em 100%.

Mas eu estou vendo muita gente jovem, estou vendo muita gente do meu tempo, então eu queria dizer para vocês que um dia, por volta das seis horas da tarde, em 1979, eu estava como presidente do sindicato dos metalúrgicos do ABC. Já tinha muita confusão se íamos criar ou não um partido e, de repente, a minha secretária me comunica o seguinte: “Lula, tem duas pessoas aí que querem conversar com você sobre o partido que você está criando”.

Eu, na época, pensei que era a Polícia Federal, porque a Polícia Federal ainda estava meio ressabiada naquele tempo e o sindicato tinha menos liberdade do que tem hoje. Eu fiquei preocupado e falei para minha secretária: Olhe, manda as duas pessoas esperarem que eu não posso conversar sobre



partido dentro do sindicato, eu vou esperar terminar o meu expediente, que era às oito horas, aí nós vamos ao Bar do Gordo, que era um bar que tinha perto do sindicato e lá eu converso com os dois. Aí desci até o Bar do Gordo e qual não é a minha surpresa que esses dois companheiros do Acre que eu tinha desconfiança, depois se tornaram dois amigos. Um enveredou por um caminho e outro pelo outro. Um deles era o companheiro Chico Mendes e o outro era o companheiro João Maia.

Eu conversei com eles e eles me disseram da vontade que tinham de criar um partido aqui no Acre. Eu jamais, eu não tinha nem noção de onde era o Acre, nem noção. Aí, eu dei um pouquinho de ficha para eles. Eles vieram para cá e criaram um partido aqui, que teve a primeira surpresa de eleger o Jorge Viana prefeito de Rio Branco, depois teve a felicidade de elegê-lo para governador, de reelegê-lo, elegeu o Angelim para prefeito agora, e já elegeu um monte de prefeitos pelo estado inteiro, alianças com outros Partidos, ou seja... Aquela conversa em um botequim, que começou em 1979, no final das contas resultou na transformação do estado do Acre. Resultou na transformação de um estado em que eu tenho um orgulho profundo, porque só tem dois estados no Brasil em que eu sinto que o povo tem muito orgulho, porque o povo, meu caro Samuel, neste estado, aprendeu a cantar o Hino do estado com orgulho de poucos.

Ontem à noite eu dei uma volta com o Jorge, no carro, pelas ruas de Rio Branco. E eu que vim aqui pela primeira vez em 1979, a transformação que o Acre sofreu nesses 25 anos, é quase que uma revolução. E certamente, se a gente não tivesse perdido duas vezes as eleições de Rio Branco, estaria muito melhor ainda a cidade de Rio Branco. Certamente que estaria melhor. De qualquer forma, Deus escreve certo por linhas tortas, era preciso de vez em quando a gente perder para poder a gente saber, e o povo descobrir, que a gente era melhor do que os que vieram depois de nós. Essa sabedoria, Deus sabe manejá-la com a magnitude que os mortais, como nós, não vão conseguir nunca manejar.



A segunda coisa é que a minha história com este estado é uma história marcada por momentos delicados. Uma vez eu estava em São Paulo e recebo um telefonema, dizendo que tinham matado o companheiro Wilson Pinheiro de Souza, lá na cidade de Brasília. Eu, então, saí de São Paulo e vim para cá, e fomos fazer um ato... O Raimundão estava comigo – não tinha essa costeleta invocada, nem esse bigode invocado – o Raimundão foi comigo, outros companheiros, Jorge, Marini e tantos outros, chegamos em Brasília e estava um clima de guerra. Bem, e me deram um discurso para fazer lá, pediram para eu falar. Eu fiz um discurso, e no discurso que eu fiz em Brasília eu disse que estava chegando a hora de a onça beber água, que a gente estava cansado de visitar estados para visitar corpos de companheiros que tinham sido assassinados e que, portanto, estava chegando a hora de a onça beber água.

Bem, falei aquilo, pegamos um carro de volta – naquele tempo a estrada era de poeira – pegamos a estrada, viemos embora para Rio Branco, fui embora para São Paulo, mas no dia seguinte àquele ato, os trabalhadores mataram um fazendeiro. E aí a polícia da época entendeu que a minha frase “está chegando a hora de a onça beber água” tinha sido a orientação para que os trabalhadores matassem o fazendeiro. Bem, eu fui processado, Chico Mendes foi processado e eu fui condenado a três anos e meio de cadeia naquela época. Mas depois nós recorremos no Superior Tribunal Militar e eu fui absolvido e vim para cá outra vez, com outra confusão, na morte do Chico Mendes.

Mas hoje eu vim por outra coisa. Hoje eu vim para participar alguns minutos da alegria contagiante do meu companheiro Jorge Viana, dos meus companheiros Tião e Sibá, da minha companheira Marina, do Angelim, da companheira Chiquinha, porque este assentamento aqui não é mais um assentamento. Este aqui vai ser um exemplo fotografado historicamente para que a gente mostre ao mundo que a nossa reforma agrária não é dar um pedaço de terra e esquecer o trabalhador jogado no meio do mato, não. A nossa reforma agrária tem a terra, mas tem a sustentabilidade do financiamento, da assistência



técnica, da energia elétrica, da combinação entre a produção e a industrialização para que as pessoas possam cumprir todo o ciclo produtivo e que a gente possa gerar empregos para os mais velhos e também para os nossos filhos, que precisam de trabalho e, por isso, a fábrica é muito importante.

Eu não sei se vocês perceberam, aqui foi assinado dinheiro de mais de R\$ 300 milhões e cada ligação de energia que nós fazemos aqui – isso é importante que os companheiros da imprensa registrem – cada ligação que nós fizemos aqui está custando mais de 3 mil e 600 reais a ligação, e é financiada pelo governo e o povo não paga nada, não paga absolutamente nada. Porque se fôssemos pensar em retorno financeiro para o governo, não faríamos. Porque para levar uma luz elétrica no campo, às vezes eram quilômetros e quilômetros de poste para chegar em uma casa. Mas o papel do Estado não é ter lucro. O papel do Estado é garantir que nenhum brasileiro ou brasileira viva na escuridão, viva na treva, ou deixe de ter acesso às tecnologias modernas por causa de falta de energia elétrica. O nosso compromisso é de garantir que os 12 milhões de brasileiros que não têm energia elétrica, vão ter energia elétrica e não vão pagar. Nós vamos assumir a construção dessa rede de benefícios para o povo. E fora esses dois anos, porque começou no final de 2003, nós já atendemos, companheiro Palocci, mais de 450 mil famílias, o que dá quase dois milhões e meio de pessoas atendidas. E a gente sabe o benefício. Chegou a energia elétrica, tem logo um “radinho” para vocês ouvirem as pessoas falando mal do Presidente. Aí logo vem uma “geladeirinha”, logo vem uma “televisãozinha”, logo vem... Aí logo, logo alguém monta uma casa de farinha para moer a farinha, aí outra vai fazer polpa do açaí, vai fazer um monte de coisas, e de repente, aquela pessoa que estava nas trevas, aquelas pessoas começam a falar “eu agora sou cidadã, sou cidadão. Eu não preciso ficar embaixo da luz de um candeeiro”, porque se tiver dinheiro, ele deve ter um candeeiro bom, se não tiver, é aquele pavio molhado no querosene que solta mais fedor do que qualquer coisa. É poronga, não é isso? É isso.



Então eu não poderia estar mais feliz do que estar aqui hoje, sabendo que 10 mil hectares, que esta fazenda vai ser transformada no ganha-pão de centenas de pessoas que aqui vão trabalhar, mas de milhares de pessoas que estão em outra cidade, que estão em Rio Branco, e que vão receber os produtos produzidos aqui.

Olhe, meu companheiro Jorge, eu já tive a alegria hoje de inaugurar a primeira ponte entre o Brasil e o Peru. Já tinha tido, há um ano, a felicidade de inaugurar a primeira ponte entre Brasil e Bolívia. E, agora, venho aqui inaugurar uma ponte entre a miséria e a cidadania. Uma ponte que constrói o direito de mulheres e homens de andar de cabeça erguida; uma ponte que constrói o direito de as pessoas saberem que vão poder estudar melhor; uma ponte que constrói o direito de vocês terem garantido um preço mínimo pelas coisas que vocês produzem; uma ponte que garante a vocês tirar da terra, industrializar, colocar valor agregado e ganhar um pouco mais de dinheiro no mercado.

Então eu não poderia, Jorge, deixar de estar feliz no dia de hoje. Eu, se tivesse tempo, eu ia dar uma surra na Marina ali para cortar uma seringa, para ela ver como eu sei cortar uma seringa. Eu não posso competir porque se eu perco, vão dizer que eu perdi para uma mulher, se eu ganho vão dizer que eu ganhei de uma mulher, então eu não vou competir, mas que certamente eu sou melhor do que ela eu sou para mexer no seringal, muito melhor.

Eu, Jorge, quero agradecer a você, à Chiquinha, ao Raimundo, ao Angelim, a todos vocês, esse abaixo assinado e esse....eu quero Jorge, agradecer a você, à Chiquinha, ao Raimundo, ao Angelim e a todos que assinaram esse documento pedindo que eu me candidate outra vez. Eu quero dizer uma coisa para vocês: ao longo da minha vida, eu fui descobrindo que Deus foi muito generoso comigo. Ao longo da minha vida eu fui aprendendo que Deus foi extremamente generoso comigo. Primeiro, nascer em Pernambuco, filho de sertanejo pobre e não morrer de fome antes de completar cinco anos, já foi um milagre.



Depois, uma mãe sair de Pernambuco com oito filhos agarrados no “rabo da saia”, ir para São Paulo e todos eles aprenderem uma profissão e virarem cidadãos e nenhum bandido, já é o segundo milagre. O terceiro, me dar o direito de aprender uma profissão, por conta dessa profissão ir para um sindicato importante, virar... eu jamais tinha pensado em ser presidente do sindicato, virei presidente de um sindicato muito importante, depois o deputado federal mais votado da história do Brasil e depois presidente da República.

Eu não teria que pleitear mais absolutamente nada, eu sou um cidadão que olho todo santo dia para o meu passado, para ter dimensão do que aconteceu comigo e hoje eu tenho consciência do que é possível fazer por este país, muita consciência. Eu digo sempre o seguinte: eu não vejo a hora de chegar o dia 31 de dezembro, vai ter que ser um pouco antes de 2006, porque eu quero fazer... não para ficar dizendo que o melhor ou o pior, mas gostaria de fazer uma comparação do que aconteceu no Brasil com o Lula presidente e o que aconteceu no Brasil com todos os outros presidentes que vieram antes de mim.

Vão ter alguns melhores, outros piores, mas é importante que a sociedade saiba o que aconteceu, porque nós estamos provando que é possível fazer as coisas. Têm certas dificuldades, tem. Mas a verdade é que é possível fazer muita e muita coisa, sobretudo vocês da agricultura familiar, pequenos agricultores, seringueiros, sabem que nós fizemos muita coisa, muita coisa.

Antes de nós, o dinheiro do Banco do Brasil chegava aqui para meia dúzia de pessoas no Pronaf, para meia dúzia. Hoje... através do Banco do Nordeste, hoje, esse estado aqui... tem quantas pessoas recebendo dinheiro do Pronaf Rossetto? Eram mil contratos em 2002, hoje tem 14 mil contratos. Eram poucos de 5 mil reais, hoje, são quase 60 mil reais só de financiamento para o pequeno agricultor. Isso é uma coisa extraordinária, porque quando o agricultor consegue ter direito ao banco para pegar o financiamento, ele não vai ficar pedindo esmola para ninguém.



Mas Jorge, era preciso dizer aqui para você, não é apenas isso que me dá orgulho, me dá orgulho poder olhar na cara dessas crianças e dizer o seguinte: este país quebrou três vezes antes de nós assumirmos. Este país teve que correr pedindo ao FMI 30 bilhões de reais para não quebrar. Nós não fizemos nenhuma bravata, não xingamos ninguém, ficamos trabalhando. Quando foi na semana passada, nós dissemos ao FMI: não precisamos mais do seu dinheiro porque somos donos (inaudível). Hoje, este país é mais independente; hoje, este país é mais soberano; hoje, este país pode tomar decisões sem precisar consultar ninguém; hoje, este país é um pouco mais livre e é igual vocês que estão nesse projeto Bonal. Vocês são um pouco mais livres do que eram antes, e um pouco mais de possibilidade do que vocês tinham antes. E eu quero fazer essas comparações para a gente perceber o que aconteceu no nosso país, do ponto de vista da educação, da saúde, mas sobretudo da geração de empregos. Eu sei que eu não tenho o direito de ficar zangado com críticas, porque o presidente da República não pode ficar zangado com nada, gente. Vocês podem falar o que vocês quiserem que eu não fico zangado. É quase que uma ordem de Deus assim: “Presidente, não fique nervoso nunca. Não perca nunca a paciência”.

Por isso, companheiro Jorge, eu fico sensibilizado com este manifesto, não tenho pressa de decidir a minha vida, se vou ser ou se não vou ser, acho que os adversários querem que eu defina logo que sou candidato, porque aí eles querem me proibir de viajar o Brasil como eu estou viajando. Porque se depender deles, eles querem que eu fique sentado na minha mesa o dia inteiro e não saia para ter contato com o povo. E como eu nasci no meio de vocês, eu só tenho garantia se estiver no meio de vocês.

É por isso que de vez em quando eu vejo algumas pessoas nervosas, mas eu quero te dizer, Jorginho, de coração: eu, na hora em que tiver que decidir o meu destino junto com o meu Partido, com o Sindicato, com a sociedade, certamente o pessoal do Acre vai participar. Por enquanto eu quero dizer a vocês: não está na minha cabeça, na ordem do dia da minha cabeça,



eleição. O Partido só vai poder fazer a Convenção em junho, oficial, então até junho os meus adversários vão ficar zangados, mas eu não estou candidato. Até junho eu sou o presidente da República para governar este país e inaugurar as coisas que nós temos que inaugurar.

Por isso, meu querido Jorge Viana, Jorginho, que eu chamo ele na intimidade de Jorginho. O Jorge que é, para mim, tem idade de ser meu filho, eu tenho por ele um carinho todo especial, acho que vocês têm um carinho por ele ainda maior do que o que eu tenho. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Acre... e que tem pessoas extraordinárias para ocupar o teu lugar. Eu estou vendo aqui, só nesta roda aqui, alguns que... eu não vou citar nome de ninguém. Mas eu só quero te dizer o seguinte, Jorginho, a hora em que você deixar isso aqui, pode ficar certo de que o que você fez pelo Acre nesses sete anos, vai precisar muita competência para fazer em 30, o que você fez em sete.

Por isso, meus agradecimentos, companheiro Jorge, meus agradecimentos, mulheres e homens do meu querido estado do Acre.

Um grande beijo, um abraço e boa sorte para todos vocês.



Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de assinatura da Resolução da Agência Nacional de Transportes Terrestres – ANTT que autoriza Construção da Variante Ferroviária Litorânea Sul

Palácio do Planalto, 24 de janeiro de 2006

Eu estava dizendo ao Paulo Hartung que quem se levanta de manhã e sobe numa esteira para fazer a caminhada olhando o mar que ele olha, tem que ter muita energia.

Eu quero cumprimentar o meu companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Quero cumprimentar o Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Quero cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Os senadores Gerson Camata e João Batista Motta

Quero cumprimentar os deputados Carlos Humberto Manato, Marcelino Fraga, Marcus Vicente, Mário Assad Júnior, Neucimar Fraga, Nilton Baiano, Renato Casagrande, líder do PSB e Rose de Freitas,

Quero cumprimentar os prefeitos João Carlos Coser, de Vitória; Alcemar Lopes Pimentel, de São José do Calçado; Edival José Petri, de Anchieta; Max Freitas Mauro Filho, de Vila Velha; Roberto Valadão Almokdice, de Cachoeiro do Itapemirim,

Quero cumprimentar o nosso companheiro José Alexandre Nogueira Resende, diretor-geral da Agência Nacional de Transportes Terrestres,

Quero cumprimentar um parceiro muito importante, não apenas do governo federal, mas dos governos estaduais e, sobretudo, do Brasil, o nosso companheiro Roger Agnelli.

Meus amigos e minhas amigas,



Eu acredito que todos vocês têm dimensão do evento que estamos fazendo hoje. Possivelmente, todos nós sonhamos há muito tempo que o Brasil precisaria ser dotado de um modelo de infra-estrutura que pudesse permitir que o Brasil andasse mais rápido, que o Brasil conquistasse mais espaço e que tanto as compras que fizemos lá fora, quanto as coisas que fomos vender tenham maior rapidez no trânsito pelas ferrovias, pelas estradas do nosso país.

E nem sempre as coisas acontecem com a rapidez com que nós gostaríamos que acontecessem. Nós temos tido a colaboração do Ministro dos Transportes, do Diretor-Geral da Agência, mas é difícil. As coisas têm marcos regulatórios, às vezes, que emperram, muitas vírgulas, muitas palavras que às vezes levam meses, para não dizer anos, para serem desobstruídas.

Nós começamos a discutir a questão de ferrovia no Brasil ainda em 2003. Acho que todos vocês, ou pelo menos alguns, participaram ativamente daquela discussão. O Alfredo não era ministro dos Transportes, mas o Alexandre já era presidente da Agência. E foi naquele momento de 2003 que nós fizemos a primeira discussão para tentar desobstruir os entraves para a construção de ferrovias.

E agora que nós estamos aqui dando início à Ferrovia Litorânea Sul, eu posso dizer para vocês que as coisas já estão acontecendo. Finalmente, meu caro Casagrande, a capacidade de desobstruir foi maior que a capacidade de impedir, porque isso também faz parte do Brasil e eu, muitas vezes, não me queixo, eu apenas constato.

Muitas vezes há pessoas que se comportam tentando evitar que as coisas aconteçam, é como se fosse um jogador de um time adversário que está sempre tentando evitar que o outro faça o gol. E não são todas as pessoas que têm a dimensão de Brasil para pensar que, muitas vezes, com entrave de três meses, de cinco meses, de um ano, você está atrapalhando um pouco as conquistas das gerações que virão depois de nós.

O Brasil, e eu confesso a vocês sem fazer crítica a ninguém, o Brasil não se preparou adequadamente para o crescimento econômico, por isso as



nossas estradas ficaram abandonadas tanto tempo, por isso é que se construiu poucos metros de ferrovias nos últimos anos, por isso que os nossos portos estavam ficando obsoletos, e por isso muita coisa não aconteceu no Brasil.

Veja que o povo brasileiro é quase milagroso, ele tem capacidade de fazer milagre porque com a mesma infra-estrutura decadente, nós praticamente dobramos as exportações brasileiras, significando que dobrou a quantidade de caminhões, a quantidade de vagões, a quantidade de navios e ninguém melhor que o Roger Agnelli para explicar isso. Mas, quando uma empresa se dispõe a fazer uma ferrovia – e eu posso falar de custos e os custos não são tão baixos, mas o Agnelli não pode se queixar porque a vale do Rio Doce também não teve lucro baixo – quando se tenta construir uma obra dessa magnitude é porque há uma confiança no país, há uma confiança no que nós ainda não vemos, mas que nós já percebemos. E o que nós não vemos e percebemos? É que não existe possibilidade de o Brasil não dar certo, não existe. Não só porque nós temos uma democracia consolidada – na hora que você tem um governo que não serve você tira e coloca outro e, no Brasil, já tivemos experiências e mais experiências – mas porque a economia brasileira vive um momento auspicioso, não porque o juro está baixo ou porque estamos crescendo o tanto que deveríamos crescer mas é porque tem um conjunto de fatores, e os de cabelos brancos aqui como eu sabem que não existe momento na história do Brasil que nós conseguimos juntar um conjunto de fatores tão positivos que podem permitir, com muita tranquilidade, darmos outros passos.

O Paulo Hartung deve ter sido, além de diretor do BNDES, no Senado deve ter participado da Comissão Econômica e sabe que, na história do Brasil, quando a gente estava bem com uma coisa, estava mal com outra. Quando a gente estava pensando que ia dar certo numa, quebrava em outra, e há uns 15 dias eu disse ao ministro Palocci: olha, para a gente provar que as coisas estão bem mesmo, nós temos que devolver ao FMI o dinheiro que nós não vamos usar. Não vamos ficar pagando juros de um dinheiro que nos serviu num tempo em que a gente estava sufocado, mas que não compensava ficar pagando



juros para ter um dinheiro quando, na verdade, nós já temos mais de 56 bilhões de reservas e, portanto, estamos garantidos com as nossas importações, sem precisar ... e não fizemos bravata. Eu, que passei muito tempo da minha vida com a bandeira “Fora FMI”, poderia ter feito uma grande bravata.

Eu preferi ser cauteloso, pedindo a Deus que a gente não precise nunca mais retornar ao FMI mas, quem sabe, ir muitas vezes ao Banco Mundial pedir dinheiro para investimento em coisas produtivas. Mas também, se precisar, eu quero ir de cabeça erguida, eu não quero fazer como já foi feito outras vezes neste país, eu não quero mendigar, eu quero, de cabeça erguida e de forma soberana dizer: o Brasil precisa, e graças a Deus não vamos precisar. Vamos trabalhar para não precisarmos.

Bem, é por isso que eu acho que uma empresa como a Vale do Rio Doce tem confiança, não apenas de fazer esse investimento, mas fazer esses investimentos e é por isso que o Espírito Santo cresce a cada dia, a cada hora, porque na medida em que as pessoas começam a perceber a seriedade, todo mundo vai colaborando. O que foi feito para acabar com o crime organizado no estado do Espírito Santo, possivelmente as pessoas de dentro já tenham preocupação com outras coisas mas, nós, que víamos o Espírito Santo pela imprensa, percebemos a mudança da água para o vinho. E para acontecer aquilo foi preciso colocar gente – que, teoricamente, não ia para a cadeia – na cadeia. Foi preciso afastar gente que, teoricamente, parecia impossível, mas que na prática, numa combinação afetiva e efetiva entre o governo federal e o governo estadual, nós conseguimos, numa demonstração de que quando há boa vontade, quando as questões menores da política não estão em jogo, a gente pode construir e pode produzir muito mais. E é o que está acontecendo hoje, aqui.

É um investimento de 684 milhões de reais. Essa linha, não só o porto de Ubu, que já fizemos uma pendenga com a Petrobras, porque a Petrobras também é uma empresa muito poderosa e para convencê-la a fazer as coisas é complicado. Mas tivemos uma boa conversa com a Petrobras, inclusive a



pedido do governador Paulo Hartung, vai ser feito o porto, vai ser feita a ferrovia. É tudo que o Espírito Santo precisa para crescer um pouco mais. E tudo isso está acontecendo porque as pessoas estão percebendo que as coisas estão arrumadas, que as coisas tendem a evoluir daqui para a frente e não vai haver mais retrocesso.

Tem muita gente que fica incomodada porque nós falamos muito de controlar a inflação, mas acontece que controlar a inflação significa garantir que os que ganham menos ganhem um pouco mais. Não controlá-la, será você favorecer ainda mais os que ganham mais. E as pessoas estão percebendo: “olha, as coisas estão certas, vamos começar a fazer isso.” Mas não é apenas isso que está fazendo o Espírito Santo se transformar numa grande empresa, num grande estado, não é isso que faz a Vale do Rio Doce crescer cada vez mais, porque quando ela investe numa ferrovia como essa, é importante para o Espírito Santo, é importante para toda a região e é importante para o desenvolvimento geral do nosso país.

Eu não poderia deixar de agradecer à Vale do Rio Doce e à Ferrovia Centro Atlântica, que estão dando uma prova de confiança no crescimento do nosso país. E também a todos aqueles que, como o governador Paulo Hartung, tanto se dedicaram para que esse projeto se tornasse uma realidade.

Quando dormentes e trilhos são assentados, eles ligam portos, indústrias, zonas agrícolas, pessoas e comunidades. Ligam o econômico ao social, o que é uma das marcas inovadoras que estamos colocando em prática neste país. E ligam também o presente à certeza de um futuro palpável. Não estou falando de um Brasil que queremos ser daqui a alguns anos, mas sim de um Brasil que já está em construção e cuja face já pode ser vista por todos nós. Afinal de contas, a gente poderia dizer: o Brasil é um país em que vale a pena investir.

Foi por compreender a importância das ferrovias para o nosso desenvolvimento que nesses três anos nos dedicamos, tentando discutir e encontrar soluções jurídicas, financeiras, para que a gente pudesse retomar a



construção de ferrovias no Brasil, que estavam há mais de 20 anos esquecidas. E essa discussão que fizemos contribuiu, e muito, para que atingíssemos, entre janeiro de 2003 e setembro de 2005, o expressivo volume de 5 bilhões e 300 milhões de reais em investimentos por parte das concessionárias de ferrovias. Ao mesmo tempo invertemos a trajetória de queda da participação do sistema ferroviário no total do transporte de carga no Brasil. Após anos perdendo terreno para o transporte rodoviário, as ferrovias recuperaram o fôlego e hoje já transportam 25% das cargas no país.

Algo que precisa ficar muito claro é que hoje, depois de mais de 20 anos da construção das últimas grandes ferrovias do Brasil, voltamos a expandir a nossa malha ferroviária e a investir em projetos de grande porte, graças, obviamente, à participação de todos, dos empresários, do governo, dos estados, e quem ganha com isso é a totalidade do povo brasileiro.

Graças a uma virtuosa parceria entre o poder público e o capital privado, estruturamos o consórcio que irá construir a nova Transnordestina. Trata-se de um projeto de 4 bilhões e 500 milhões de reais que envolve a criação de 905 quilômetros de novas linhas e a reconstrução de 950 quilômetros de linhas existentes.

Quero dizer para vocês que essa foi uma obra de engenharia que para construir a possibilidade do financiamento, nós levamos praticamente dois anos, até que construíssemos a engenharia financeira para financiar esse projeto. Com ela, nós ligaremos a região graneleira que compreende o Oeste da Bahia, o Sul do Piauí e o Norte do Tocantins aos portos de Pecém no Ceará e de Suape em Pernambuco e certamente, com isso, quem conhece sabe que haverá uma revolução na geografia econômica do Nordeste brasileiro.

Ao mesmo tempo, estamos retomando as obras da Ferrovia Norte/Sul. Entre 2003 e o final de 2006, teremos construído 150 quilômetros de linhas novas na Norte/Sul. Isso significa que em quatro anos teremos ampliado em 70% as linhas que foram feitas em 18 anos e, se o Roger colaborar, vamos fazer mais rápido, porque a nossa idéia é de uma vez por todas terminar e falar



muito à vontade porque fui muito crítico da Ferrovia Norte/Sul.

Eu me lembro, eu era constituinte quando o presidente Sarney anunciou a Ferrovia Norte/Sul, eu não sei se o Camata foi daqueles que fez discursos contra, eu cansei de fazer discurso contra. O Gibson sabe disso, nós fizemos muito, muito, e veja, hoje, por ser presidente da República, eu tenho noção do mal que foi feito pelo fato dessa estrada não ter sido concluída nesses últimos 20 anos.

Ao mesmo tempo, nós estamos tentando resolver um problema sério. Esse aqui é um problema que quem trata com ferrovias sabe, Paulo Hartung, em 2003 eu fiz uma viagem de trem de uma cidade perto de Rondonópolis até uma outra cidade, eu não me lembro o nome da cidade agora, e lá eu me reuni com os donos da Brasil Ferrovias, estavam lá todos os donos de todos os trechos para resolver um problema de um gargalo de 16 quilômetros no Porto de Santos, que quando o trem de uma companhia chegava, era obrigado a esperar 48 horas para transitar porque a outra empresa cobrava muito caro e era tudo muito difícil.

Depois de muitas conversas, outra vez com a participação muito exitosa da agência do Ministério dos Transportes, nós conseguimos, finalmente, reconstruir, com investimento de quase 2 bilhões e meio de reais, todos os trechos que envolvem a Brasil Ferrovias, e agora, me parece que agora em março está prevista a minha ida a Santos, porque finalmente vai começar a construir o trecho que, apenas a 16 quilômetros do Porto de Santos, atravancava o progresso brasileiro.

Precisou muita disposição do governo, precisou muita disposição da agência e às vezes bater duro na mesa porque eu imaginava que quem disputava muito era político, mas empresários, quando se trata de cada um defender o seu, também são duros nas negociações e somente depois de muita pauleira é que nós conseguimos resolver esse problema. Isso, se Deus quiser, nós vamos fazer essa visita em março para poder começar as obras.

E também a Transpantaneira, uma estrada que é um sonho, não apenas



para a indústria, mas sobretudo para o turismo naquela região do Pantanal, em que um trecho de 70 ou 80 quilômetros ficou pronto, mas que também era uma obra... quando tem muita gente envolvida é mais briga do que solução e, muitas vezes, eu confesso a vocês, eu até pensei em reestatizar algumas ferrovias. Confesso a vocês que muitas vezes eu falei: sabe de uma coisa? Ninguém se entende mesmo, nós vamos... porque é difícil. A rodovia 101 que estamos fazendo no Nordeste, três trechos: um na Paraíba, um em Pernambuco e um no Rio Grande do Norte. Nós tínhamos programado ir lá em março do ano passado para dar a ordem de serviço. Quando fomos pegos com uma recomendação do Tribunal de Contas, que deveríamos fazer correções em algumas coisas. Fizemos as correções, fizemos as licitações, ganhou um grupo de empresas. O outro grupo que não ganhou entra com liminar e proibi a obra outra vez.

O que nós fizemos? Chamamos o Batalhão de Engenharia do Exército e vamos fazer a obra, pronto. Enquanto vocês brigam nós vamos fazer a obra. Quando vocês terminarem a briga já não tem mais obra para vocês fazerem, porque senão é impossível, ou seja, é tanto obstáculo que dificulta muito. Bem, eu acho que a retomada da construção de ferrovias somada a tudo que estamos fazendo para recuperar as rodovias, veja um negócio, todo santo dia tinha uma crítica às rodovias. Reunimos o ministro Alfredo, chamamos aqui todos os membros do DNIT e resolvemos fazer uma operação de guerra nas estradas brasileiras. Aí, os que criticavam os buracos, agora criticam porque estamos tapando os buracos. É uma coisa que se chegasse alguém de fora aqui e visse a crítica de um dia anterior e a crítica do dia depois, não ia entender. Afinal de contas, o que queremos nós? Queremos corrigir ou não queremos corrigir?

Uma outra coisa muito importante que nós estamos fazendo e eu posso dizer para vocês, viu Paulo Hartung, com relação à alegria de que na hora em que a plataforma P-50 entrar em ação, e eu espero que seja em fevereiro, todos nós, eu estou vendo aqui uma das pessoas que certamente viveu aquele



momento mais do que nós, o Camilo Cola, a campanha do “Petróleo é Nosso”, porque quando Getúlio criou a Petrobras, alguns céticos de hoje eram céticos naquele tempo e diziam que era jogar dinheiro fora, que o Brasil não deveria investir, que isso era loucura. O dado concreto é que depois de 51 anos, nós vamos poder comemorar a auto-suficiência de petróleo. E com os postos que estão aparecendo no Espírito Santo, que certamente vai aparecer em Pernambuco, não sei aonde, o Brasil vai, logo, logo ser um exportador de petróleo.

Do ponto de vista da energia nós estamos com o programa Biodiesel, que é uma marca para daqui a 15 anos revolucionar este país, como fez o álcool. E do ponto de vista da energia, eu posso dizer para vocês que se alguém teve medo, em algum momento, de investir no Brasil por conta de falta de energia, o que foi feito na área de Minas e Energia nesses três anos é uma marca que deixa adversário com bronca e que deve deixar o povo feliz, porque nós conseguimos, com os leilões de dezembro, garantir que em 2005 nós concluiremos, em quatro anos, 21% de tudo que foi feito em linhas de transmissões no Brasil, em 122 anos, fazendo uma interconexão de todo o sistema a ponto de um tempo desses nenhum de vocês reclamar que teve apagão, mesmo tendo caído quatro torres de Itaipu, porque é este país que quando tiver energia sobrando no Sul, tem que mandar para o Nordeste, quando tiver demais no Nordeste, manda para o Centro-Oeste e assim nós vamos tentando resolver os nossos problemas.

Já estamos contratando energia agora para 2010. E se der certo o projeto das duas grandes hidrelétricas do rio Madeira, certamente nós estaremos garantindo já para 2015, 2020, porque sem isso não adianta tentar convencer investidores estrangeiros a vir para o Brasil.

O Roger tem participado de muitas reuniões comigo no exterior. Em todas essas viagens que eu fiz, meu caro Alfredo, não houve na minha agenda um minuto para que a gente conhecesse alguma coisa. Para eu conhecer o Kremlin, eu tive que furar a agenda e ir de manhã, lá, para conhecer o Kremlin,



que eu tinha vontade de conhecer. Mas ele sabe a quantidade de reuniões que nós fazemos tentando mostrar para os estrangeiros o que é o Brasil, como é o povo brasileiro, como é que funcionam as coisas no Brasil para a gente convencer, porque ninguém vem aqui de graça. Nós temos que convencer. E para convencer nós temos que oferecer infra-estrutura e também oferecer educação, muita educação, porque é um tripé que sem infra-estrutura, sem educação e sem garantia jurídica das coisas que as pessoas vão fazer, nós não chegaremos muito longe.

De forma que, meu querido Paulo Hartung, meus agradecimentos e meus parabéns, meu caro Roger e Agnelli, meus parabéns. Alfredo, continue tapando os buracos e colocando os trilhos que nós chegaremos lá.

Um abraço, boa sorte e parabéns ao Espírito Santo.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião com diretores dos Centros Federais de Educação Tecnológica - CEFETs
Palácio do Planalto, 26 de janeiro de 2006**

Eu confesso a vocês que não sei se nós temos culpa, todos nós, mas eu nunca fiz uma reunião, na minha vida, em que no final da reunião não tivesse uma pauta de reivindicações pedindo um pouco mais.

E você sabe que ao invés de ficar chateado, nervoso, eu fico imaginando: se não fosse a capacidade de reivindicação das pessoas, o que seria do Brasil? Acho que todos nós temos um pouco de responsabilidade nisso porque, aqui, pelas pessoas que eu conheço, todos passaram a vida inteira reivindicando e até na hora de agradecer as coisas reivindicam um pouco mais. Isso termina sendo uma coisa gratificante.

Eu acho que qualquer coisa que eu pudesse falar aqui, já estaria superada pelo pronunciamento do Fernando Haddad, do Eliezer e do Sérgio Gaudêncio. Estaria já superado porque as informações foram todas dadas a vocês.

Mas eu queria, primeiro, agradecer. Agradecer o trabalho que o Ministério da Educação tem feito. Quero dizer para vocês que não é pouca coisa. O que esses meninos têm trabalhado, têm entrado em conflito com outras áreas de governo e, depois, levam para que a gente decida, é muito grande.

E eu acho que isso é um pouco o momento que estamos vivendo, não apenas na área do Ministério, que eu quero começar agradecendo ao nosso companheiro Fernando Haddad, já agradeço ao companheiro Tarso Genro, na sua despedida, porque efetivamente inovaram na visão sobre educação no Brasil.

Quero dizer, tanto para o Eliezer quanto para o Sérgio, que eu disse,



numa reunião ministerial, disse aqui num ato, outro dia, que está proibido, quando se tratar de dinheiro para educação, qualquer ministro falar que vai aumentar os gastos. Ou seja, nós precisamos reeducar, porque senão nós ficamos assistindo na televisão os mentores dos programas de gestão dizendo que a boa gestão é aquela que não gasta com ninguém, é aquela que não gasta com pobre, aquela que não gasta com educação, aquela que não gasta com saúde, aquela, enfim, que não cumpre com a função social do Estado.

Ou seja, quando você chegar no final do ano, você mostrar que gasto zero e ter dinheiro em caixa é boa gestão, na nossa concepção não é. Na nossa concepção, responsabilidade não significa que deixemos de fazer aquilo que precisa ser feito para recuperar o tempo perdido na educação brasileira. Houve muito tempo perdido.

Se vocês pegarem a história da criação das universidades brasileiras, vocês vão perceber que ela teve momento de crescimento e teve momentos em que, em quatro, cinco, seis, sete anos se criou apenas uma universidade no Brasil, porque se viesse uma meta de crescimento nós teríamos hoje o dobro do que nós tínhamos na década de 70. Lamentavelmente, parou.

E as escolas técnicas, a mesma coisa. Quero dizer para vocês que me assustou quando veio para mim a proposta, na mesa, de que nós precisaríamos mudar uma lei para o governo federal apostar no crescimento do ensino técnico. Era um negócio, assim, inimaginável, num país que precisa de formação profissional e num momento em que a globalização mundial exige que cada vez mais nós tenhamos mão-de-obra cada vez mais especializada, para que a gente seja cada vez mais competitivo.

E é engraçado, porque essas coisas foram feitas pelos mentores do Estado moderno. No conceito deles, o Estado moderno era um pouco isso. Então foi com muita tristeza que eu soube da notícia de que nós precisaríamos mandar um projeto de lei porque a lei proibia.



Quero agradecer aos deputados. Eu vou até fazer questão de citar os nomes aqui das nossas senadoras Ideli Salvatti e Fátima Cleide,

Quero cumprimentar o deputado Paulo Delgado, presidente da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados,

Deputado Alex Canziani, presidente da Frente Parlamentar de Defesa da Educação Profissional,

Deputadas Alice Portugal, Fátima Bezerra e Maria do Rosário,

Quero cumprimentar os deputados Ariosto Holanda, Átila Lira,

Deputado Colombo,

Deputado Daniel Almeida,

Deputado Eduardo Seabra,

Deputado Fernando Ferro,

Deputado Francisco Gonçalves,

Deputado Paulo Rubem,

Deputado Vicentinho,

Quero cumprimentar os diretores da Rede Federal de Educação Profissional e as diretoras,

Quero cumprimentar secretários, secretárias e dirigentes do MEC que estão aqui presentes, e dizer para vocês que eu acho que o Congresso Nacional, neste começo de ano, fez algumas coisas extremamente importantes. Eu, há algum tempo, venho colocando o Fundeb em todos os meus discursos, pedindo para os deputados, nos atos públicos, aprovarem o Fundeb, porque nós precisamos, agora, adequar ao orçamento, o que nós vamos colocar mais no Fundeb. E fiquei extremamente feliz com o comportamento do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados, no primeiro momento, mas certamente se repetirá no Senado, essa votação extraordinária que teve o Fundeb.

E dizer ao ministro Fernando Haddad que em poucos momentos o Congresso Nacional se recusou a votar leis importantes para a educação. Eu



me lembro que na questão do Fundeb já tinham sido votadas coisas extremamente importantes e que foram vetadas no governo anterior. Coisas extremamente importantes, porque sempre prevaleceu, no Brasil, a idéia de que era preciso conter despesas, portanto, vamos conter gastos. Vamos conter gastos aonde? Na educação. Não tem nenhum sentido, o país não andaria para frente, gastando dinheiro na... evitando de pôr dinheiro na educação. E eu acho que nós devemos isso à compreensão de vocês.

Eu acho que o Congresso Nacional... sempre a crítica ao Congresso é coletiva, desde quando era Constituinte, a minha mágoa era que, quando queriam mostrar que os deputados não trabalhavam, não se nominava quem veio e quem não veio. Fica tudo muito generalizado, então, quem se matou de trabalhar, quem veio para votar, aparece como se não tivesse aparecido e não é criticado individualmente. Nós fomos indicados individualmente, mas o Congresso não. E eu espero que essas coisas boas que foram feitas, com o que vocês aprovaram nestes últimos dias sobre educação, sejam reconhecidas pela opinião pública através de boas informações dadas pela imprensa brasileira.

Portanto, Fernando, está provado que, quando o governo quer, quando o governo tem proposta e o governo está com a sua mente flexibilizada para não coibir os avanços que a sociedade clama, as coisas acontecem. Quando se trata das escolas técnicas, eu tenho uma paixão especial. Eu tenho uma paixão especial porque devo tudo o que sou a um curso profissional que eu fiz. E durante as minhas viagens a muitos lugares do Brasil eu encontrei escolas técnicas abandonadas, escolas que poderiam estar formando centenas ou milhares de jovens para o mercado de trabalho, totalmente fechadas, mal cuidadas, professores desmotivados, e nós estamos recuperando.

Acho que também não podemos fazer tudo em um curto espaço de tempo porque é humanamente impossível, mas o que vocês do C-7 podem ter consciência é que vão acontecer todos os avanços que precisam acontecer.



Até porque não estamos fazendo isso para nós, porque nenhum aqui mais vai entrar em uma escola técnica. Nenhum mais. Depois de velho, o mais que a gente quer aprender é a cozinhar.

Mas certamente o povo brasileiro, sobretudo o povo da periferia e o povo dos lugares mais pobres, precisa. Muitas vezes as pessoas que conseguiram chegar à universidade não dão importância a um curso profissional. Muitas vezes, as pessoas... Eu quando dizia o seguinte: minha mãe, quando me levou para fazer um teste no Senai, o orgulho dela deve ter sido o mesmo de quando o Fernando Haddad comunicou para a mãe dele que tinha passado no vestibular da USP, ou qualquer um de vocês tinha passado para o curso de Medicina, que talvez seja o orgulho, porque sempre o estudante de Medicina que passa é o mais estudante, o que vocês chamam de CDF, não é? São os mais estudiosos, são os mais... A verdade é que são os mais estudiosos, porque conseguem chegar em primeiro lugar. Então, o mesmo orgulho eu tive.

Vocês imaginam para a periferia do Brasil o que é um jovem ter acesso a um curso profissionalizante de uma escola técnica. É uma revolução na família, é uma revolução na vida dele. Eu digo todo dia para ninguém esquecer: por conta do meu curso, eu fui o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma geladeira, o primeiro a ter uma televisão, de uma família de oito. Isso, certamente, acontece em todos os lares deste país que o jovem consegue ter acesso a uma formação.

Ora, se eu fui um beneficiário de um ensino técnico, porque nós vamos coibir que tantos outros, tão ou mais pobres do que eu, mais necessitados, tenham acesso a esse curso?

Portanto, não é um compromisso verbal, não. É um compromisso de vida, de que nós precisamos dar à escola técnica, neste país, a dimensão que ela tem, em função da dimensão das necessidades que a sociedade brasileira tem da escola técnica.

Possivelmente, quem já esteve inscrito para fazer um curso de pós-



graduação na Sorbonne, não tenha essa dimensão. Eu tenho. Eu tenho a exata dimensão do que vale um curso profissional, por mais simples que ele seja: Proeja, ProJovem, Escola Cidadã.

Eu tinha uma escola de supletivo no Sindicato, chegou um momento que eu descobri que estava ficando meio ruim para a categoria, para o meu corporativismo, porque eu estava tirando os trabalhadores da fábrica e formando eles para a universidade, e eu queria formá-los para ficarem dentro da fábrica. Nós terminamos fechando a escola, que era um curso de Madureza, com 1.900 alunos, montamos uma escola profissional. Nós dávamos curso de desenho, curso de matemática, curso de eletricidade, curso de mecânica.

Ou seja, o fato de um cidadão vir a um sindicato fazer um cursinho de matemática, ele deixava de ser ajudante e virava operador de máquina numa fábrica, ou seja, ele praticamente dobrava o salário dele.

Então, como é que nós vamos ficar fazendo o Orçamento e analisando essas necessidades do país como se fossem gastos? Não é possível.

Então, estejam certos que não só nós vamos continuar fazendo mais para a educação, mais e cada vez mais, até que a gente chegue no nível que o país precisa que nós cheguemos, até porque ficamos muitos anos atrasados. E por isso eu fiz questão de vir a esse ato. Quero agradecer a todos vocês, mas sobretudo eu quero reiterar meus agradecimentos aos deputados, aos senadores – senadores ainda vão votar – mas eu estou convencido de que todo e qualquer elogio que vier ao Ministro da Educação, que vier aos funcionários do MEC, que vier ao Presidente da República, estejam certos que nós temos a obrigação política de dividir com os deputados e senadores que acreditaram que é esse o caminho do Brasil.

Muito obrigado a vocês e parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de acordo de cooperação e parceria entre a Caixa Econômica Federal e o INCRA

Castilho-SP, 27 de janeiro de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do Movimento dos Trabalhadores brasileiro que lutam pela reforma agrária,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Meu querido companheiro Arlindo Chignalia, deputado federal e líder do governo na Câmara dos Deputados,

Meu querido companheiro Devanir Ribeiro, deputado federal,

Meu querido Luiz Eduardo Greenhalgh, deputado federal,

Nosso querido dom Demétrio Valentino, bispo de Lajes. Aqui escreveram Lajes. É Jales. Escreveram errado aqui, é Jales. Lajes é em Santa Catarina.

Meu querido prefeito de Castilho,

Meu querido companheiro Presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Presidente do Incra,

Deputado estadual Tiãozinho,

Deputada estadual Beth Sahão,

Prefeito Pedro de Paula Castilho, de Brejo Alegre; Dagoberto de Campos, de Pereira Barreto; Policarpo Santos Freire, de Nova Guataporanga; José Milanez Júnior, de Panorama; José Antonio Bacchim, Sumaré; Elzio Stelato Júnior, de Dracena; Humberto Parini, de Jales; Wilson Carlos Borini, de Birigui; Antonio Gomes Barbosa, de Valparaíso; José Dinael Perli; de São João do Pau D'Alho; Miguel Lopes Belmonte, de Gabriel Monteiro,

Senhor Raimundo Pires, superintendente do Incra de São Paulo,

Meu caro Augusto Bandeira Vargas, superintendente de Negócios da



Caixa Econômica Federal,

Meus companheiros do Movimento Sem Terra,

Meus companheiros trabalhadores do Sindicato,

Meu caro Waldomiro,

Meu caro Hélio Neves, da Federação dos Trabalhadores Assalariados do Estado de São Paulo,

Meu caro Lourival Plácido de Paula, da direção nacional do Movimento Sem Terra,

Meu caro José Carlos Bussolan, do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar,

Olhem, há algumas coisas que nós precisamos levar muito a sério na trajetória de luta que cada um de nós construiu. Certamente, todos nós reconhecemos que temos muita, mas muita coisa ainda por fazer no nosso país. Todo mundo sabe disso. Mas todo mundo sabe também que se comparado o que nós fizemos com o que fizeram antes de nós, nós só temos motivo de orgulho porque conseguimos avançar de forma excepcional.

Esta minha vinda aqui é apenas para que a gente diga a vocês: continuem reivindicando e continuem pedindo. Nós nunca vamos reclamar e vocês nunca ouvirão da minha boca uma reclamação porque um companheiro ou uma companheira, desse ou daquele movimento, se encontrou comigo e fez reivindicação. Nunca. Até porque eu acho que nós levaremos dezenas e dezenas de anos para fazer com que o Brasil seja definitivamente um país igual, onde as pessoas tenham toda a possibilidade de viver em comunhão e em cidadania. Falta muito, afinal de contas são 500 anos de história que nós não mudaremos em três anos e nem em quatro anos, leva alguns anos.

A segunda coisa é que eu queria cumprimentar um grupo valoroso de companheiros que estão aqui, e eu estou vendo ali, na minha frente, o companheiro José Rainha, representante, do mais legítimo, da luta pela



reforma agrária neste país. Um dia desses, fiquei um pouco, um tanto chateado porque estava em Assis, no interior de São Paulo, inaugurando uma linha de transmissão, eu estava olhando no meio do povo e, de repente, eu vi a Deolinda, a mulher do companheiro José Rainha. Como eu não confundo a minha amizade com nenhum outro problema, amizade é uma coisa que eu preservo e carrego para o resto da vida, eu mandei buscar a Deolinda. A Deolinda veio, eu a cumprimentei, tomamos um café. No outro dia eu li um artigo fazendo uma crítica profunda, de que eu tinha recebido a mulher de uma pessoa que estava condenada pela Justiça. Aquilo me marcou porque eu aprendi com o Greenhalgh, com todo mundo que está aqui, com o Suplicy, com o Arlindo, com o Devanir e com vocês, na época do regime militar, muitas vezes as pessoas ficavam com medo porque alguém era chamado de terrorista, de bandido, de assassino e eu dizia: meu Deus do Céu, por que eu vou perder a minha relação de amizade, que foi construída há anos com uma família porque alguém está sendo condenado?

Eu posso até aceitar que o julgamento de alguma pessoa, seja de um irmão meu, de um filho, ou meu mesmo, seja justo, mas eu não posso abdicar da relação de amizade que a gente constrói porque, se tem uma coisa que a gente escolhe na vida, a gente não escolhe irmão, a gente não escolhe nada, a gente escolhe companheiro e eu quero dizer que antes de ser presidente, durante a Presidência e depois da Presidência, vocês são os companheiros que eu construí nessa minha trajetória de vida e isso vai continuar por muito e muito tempo.

Nós estamos aqui, hoje, mostrando mais uma vez como é possível fazer uma reforma agrária civilizada, moderna e de qualidade. Eu digo isso por uma coisa: todo mundo sabe que quando eu tomei posse eu fiz um discurso de que era preciso a gente mudar um pouco a qualidade da reforma agrária, de que já não bastava mais aquela correria deslucada para assentamento, de ficar um presidente medindo um com o outro quanto colocou no campo ou quanto... eu



assentei 200, assentei 100, assentei 30, assentei 40. A gente não mede as pessoas apenas pela quantidade de tempo que elas vivem, a gente mede pela qualidade de vida que elas tiveram enquanto viveram.

Então, para nós, na complexidade da reforma agrária, a terra é apenas um deles, mas na hora que você coloca a pessoa na terra, você precisa ajudar a ter a casa, você precisa ajudar a ter escola, você precisa ajudar a ter assistência técnica, você precisa ajudar a ter eletricidade, você precisa ter um monte de coisas porque senão o cidadão vai ficar marginalizado mesmo estando na terra. Ele deixará de ser um miserável urbano e passará a ser um miserável na agricultura, que fica acorrido esperando que as coisas cheguem e não chegam.

Então, estabelecer uma política de qualidade não é fácil. Eu pensei que o companheiro Rolf ia falar do que significa a assistência técnica neste país. Quando nós assumimos o governo, tinha pouco mais de 80 mil pequenos agricultores com assistência técnica. Só nesses três anos, nós aumentamos para 475 mil as famílias que receberam assistência técnica. Eu digo isso porque os assentamentos que nós estamos fazendo hoje já não são como aqueles de antigamente.

Eu acho que por ser mais velho do que vocês e por ter feito as caravanas do Brasil, eu tive a oportunidade de conhecer o Brasil mais do que vocês, eu me cansei de visitar acampamentos, assentamentos que já estavam há 15 anos, há 20 anos funcionando e não tinha chegado o governo para colocar uma pá de calcário, que não tinha chegado o governo para colocar uma assistência técnica a quilômetros de distância, nem assistência médica, nem escola.

Por quê? Porque houve um tempo no Brasil que aqui prevalecia, para a lógica da reforma agrária, tirar os trabalhadores que estavam brigando na cidade e afastá-los para bem longe, para que eles não ficassem fazendo passeata, nem greve, nem fazendo protesto. Vamos isolá-los no meio do mato.



E os companheiros iam para lá, ficavam anos e anos e não conseguiam.

O que vocês sabem, e todo mundo aqui tem consciência, é que quando um processo chega na Justiça Federal, nem o Presidente da República, nem o dom Demétrio, nem Suplicy, ninguém pode fazer nada. Chegou no Poder Judiciário, é o Poder Judiciário que vai decidir. Se você encontra um Poder Judiciário mais ágil, que funcione mais corretamente e que tenha boa vontade, pode andar. Se você encontra um daqueles que está entupido de processos, às vezes uma coisa que leva seis meses, leva seis anos. E nós não temos como fazer com que seja diferente. Para aprovar a reforma do Judiciário, no Congresso Nacional, estavam há 13 anos discutindo lá. Nós fizemos no ano passado e ainda precisamos consolidar.

Mas o dado concreto é que vocês haverão de perceber que houve um tempo em que, durante anos e anos, as terras disponibilizadas para a reforma agrária foram de apenas 18 milhões de hectares. Nós, em 36 meses, já disponibilizamos 22 milhões e 435 mil hectares para efeito de reforma agrária. Eu pensei que o Rolf ia falar aqui, ele esqueceu, deve ter ficado nervoso, mas no avião eu disse para o Rolf: Rolf, você pode assumir o compromisso com os companheiros que o próximo passo nosso é a questão do índice de produtividade. É o próximo passo nosso, porque há mais de vinte anos ele não é rediscutido, e isso é por um decreto do Ministério do Desenvolvimento Agrário e por um decreto do Ministro da Agricultura. O projeto está feito, tem uma pequena divergência. E o que é bom nisso? O que é bom nisso é que quando tem divergência entre o MDA e o Ministério da Agricultura, essa divergência vai para minha mesa e, aí sim, eu tenho o poder de tirar a divergência e decidir as coisas para que os dois façam o decreto. Esta é uma coisa que já está mais ou menos engatilhada, por esses dias todos vocês lerão pela imprensa a mudança do índice de produtividade.

A segunda coisa é que nós sonhamos com a reforma agrária, e o que é mais importante é quando a gente está realizando. Isso é o mais importante.



Eu me lembro do Lulão, que era um projeto de reforma agrária na Bahia, lá para os lados... não sei nem para onde era, mas eu fui lá e encontrei com os companheiros, assumi um compromisso com eles, em Porto Seguro, que seis meses depois eu voltaria lá para que a gente resolvesse o problema. Graças a Deus, vocês conhecem o companheiro Walmir, que é o companheiro que liderava o movimento, voltamos lá, assentamos, não em qualquer terra, era uma terra tão boa, que tinha até rio e tinha até água encanada, ou seja, então de vez em quando a gente tem sorte, porque tem um juiz que facilita, que julga mais rapidamente, então a gente conquista as coisas.

O que é importante, gente, é que vocês definam isso. O que a Caixa Econômica veio fazer aqui, hoje, com o Incra – eu sei que quando estava falando a Caixa Econômica, quando estava falando o Incra, todos vocês estavam falando do Corinthians, da novela, do Palmeiras, do São Paulo, do Santos, falando das divergências, obviamente que eu sei porque eu ouvi o bochicho aí no meio, e não prestaram atenção – mas o que a Caixa Econômica e o Incra assinaram aqui, hoje, é uma revolução no comportamento de um banco do Estado nacional com o Incra. Isso significa que nós estamos levando a vocês a seguinte mensagem: construir casa para os assentamentos não é favor, não é esmola, é um direito de cidadania que o povo brasileiro conquistou há muito tempo e, por isso, estamos fazendo isso.

Esse acordo assinado é uma coisa importante, porque vai beneficiar todas, eu disse todas, as 12.094 famílias assentadas no estado de São Paulo. O acordo assinado aqui é para que todas as famílias assentadas em São Paulo tenham casa. E eu ainda sonho com mais. A primeira casinha que nós fizemos era uma casinha que nem aquelas casinhas do BNH, que é construída na periferia das cidades, da Caixa Econômica, ou seja, umas casinhas que parecem um caminhão de melancia, tudo igual.

O primeiro projeto que o Rolf me mostrou eu falei: Rolf, pelo amor de Deus, uma casa no campo... tem gente passando mal aqui, tem uma pessoa



passando mal, um médico aí. Tem ambulância aí, por favor, tem uma pessoa passando mal aqui... já chegaram os médicos e agora vão cuidar dele.

Olha, eu ainda não tenho o relatório médico, mas me parece que tem ligação com crise epiléptica então...ele mordeu a língua, por isso estava sangrando. Vamos esperar os médicos, vamos acalmar.

Bem, meus companheiros e minhas companheiras, é uma felicidade muito grande vir aqui, poder conversar com vocês e ver que nós estamos transformando o sonho de tanta gente em realidade. O que antes era um papel à espera de uma assinatura, hoje é uma comunidade viva, são vidas que mudaram e vidas que mudaram para melhor.

Eu sei que ainda há barracas de lona aqui no Nossa Senhora Aparecida, mas também já existem casas em construção. Em breve, todas as barracas darão lugar às casas de alvenaria e agora num ritmo mais acelerado, graças a essa parceria histórica feita entre a Caixa e o Incra. O assentamento Terra Livre, que é bem aqui do lado, já está com suas casas construídas, cada uma com seu bico de luz e suas tomadas. Ele é um retrato de como, em breve, será o assentamento Nossa Senhora Aparecida.

O fato é que os assentamentos ainda estão em estágios diferentes de implantação. Isso ocorre porque não é possível iniciar as obras em todos ao mesmo tempo, mas é possível ter a certeza de que todos terão o mesmo patamar de qualidade.

É por isso que tenho orgulho de dizer que nós estamos avançando, e avançando muito, na defesa dos direitos de homens e mulheres do campo. A reforma agrária, que era a nossa bandeira, hoje estamos transformando-a em realidade. Isso significa que ao cumprirmos nosso compromisso com aqueles que lutam pela terra, estamos também aumentando o mercado de trabalho no Brasil, combatendo o desemprego e melhorando a vida das pessoas. Significa que o social e o econômico estão andando de braços dados, sempre em direção a uma vida melhor.



Em 2005, só em 2005, destinamos à reforma agrária 13 milhões de hectares, um recorde histórico. Nesses três anos, o total de terras destinadas, como eu disse antes, foi de 22 milhões e meio. E como o nosso objetivo é levar qualidade de vida aos assentados, quero dizer que em 2005 o Incra investiu 102 milhões de reais com assistência técnica, beneficiando com isso mais de 450 mil pessoas. Além disso, poderíamos citar muitos outros avanços na reforma agrária e na agricultura, como é o caso do Pronaf, do Pronaf Mulher, das estradas para escoamento da produção, da alfabetização de jovens e adultos assentados. O fato é que há muitos números positivos, e atrás de cada número desses há uma família mais feliz.

Eu quero dizer para vocês, minhas companheiras e companheiros, que nós sabemos que tem muita gente acampada pelo Brasil afora, ainda. Nós sabemos que tem, mas nós sabemos também, e foi dito aqui pelos Sem-Terra, pelo sindicato e pelo Rolf, nós poderíamos ter assentado mais duas mil famílias nesta região e não assentamos porque a terra está na Justiça. Nós poderíamos ter assentado mais cinco mil famílias no Pontal, e não assentamos porque o dinheiro que foi mandado para o Instituto de São Paulo, ainda não foi destinado para que a gente pudesse pegar áreas no Pontal que podem ser desapropriadas e fazer os assentamentos corretos.

Então é importante ter claro que nós sabemos que ainda tem acampamentos, nós sabemos que tem muita necessidade. A única coisa que eu tenho certeza absoluta é que nós vamos terminar o governo sendo o governo que mais levou a sério a questão da reforma agrária na história do nosso país. E sei que tem muitas coisas para serem feitas, tem muita gente pessimista, outros menos pessimistas, mas ontem eu tive a oportunidade de chegar em casa cedo e tive a oportunidade de ver os números do IBGE publicados na televisão. O que mostram os números do IBGE? Que o salário médio cresceu 5,8%, mostra que o desemprego caiu de 9,6 para 8,3 como há muito tempo não existia neste país.



Ora, todos nós temos clareza, a semana passada, ou melhor terça-feira agora, nós fizemos um acordo histórico no governo. Na minha sala o Presidente de todas as centrais de trabalhadores, na minha sala todo os líderes dos partidos políticos, nós assinamos, desde que foi criado o salário mínimo, pela primeira vez, um acordo entre os sindicatos e o governo e, obviamente que esse acordo foi assinado porque primeiro acordamos com os líderes dos partidos.

Esses dias eu pedi para o Ministério do Trabalho me dar um estudo. Em 2003, a gente podia comprar com um salário mínimo uma cesta básica ponto três. Hoje, a gente pode comprar 2.2. É por isso que o povo está comprando cimento mais barato, arroz mais barato, comida mais barata. É por isso. Por quê? Porque o ideal para o Brasil não é a gente aumentar o salário mínimo em 100% e a inflação subir 150%. O importante para o Brasil é a gente aumentar o salário mínimo e não permitir que a inflação volte, porque quem paga com a inflação é o pobre. O rico não perde com a inflação, o rico coloca o seu dinheiro no banco, vive da exploração, não perde. Agora, o pobre que no fim do mês vai pagar aluguel, vai comprar comida, esse certamente é a grande vítima da inflação.

Então, as pessoas podem brigar, mas nós não abriremos mão do controle inflacionário, porque nós sabemos que a inflação baixa é dinheiro no povo, da parte mais pobre do povo brasileiro.

A última coisa que eu queria dizer para vocês. Vocês viram, esta semana, há 15 dias atrás, que nós tomamos uma decisão de devolver um dinheiro que não era nosso, mas que nós pagávamos juros. O que aconteceu? No governo passado houve uma crise, que todo mundo acompanhou, o governo foi abrigado a ir ao Fundo Monetário Internacional tomar 30 bilhões de dólares emprestados. Para quê? Para poder pagar a sua própria dívida. Desde que nós entramos nós não precisamos utilizar esse dinheiro. Acontece que nós estávamos lá com 15 bilhões que não eram nossos, mas que a gente pagava



900 milhões de juro. Me reuni com o companheiro Palocci e falei: chegou a hora da gente conquistar definitivamente a nossa independência. Vamos devolver o dinheiro do FMI para que a gente seja dono do nosso nariz e que ninguém de fora dê palpite sobre as coisas que nós temos que fazer aqui no Brasil. Portanto, o Brasil hoje é um pouco mais soberano e é um pouco mais independente.

Logo, logo vamos devolver o dinheiro do Clube de Paris, porque também não precisamos. E por que não precisamos? Não precisamos porque o Brasil levou 100 anos para exportar 60 bilhões de dólares. Nós, em três anos, fomos para a frente 20 bilhões de dólares, dobrando as exportações neste país, fazendo com que o povo brasileiro possa dizer ao mundo: nós não precisamos mais de favor, nós, agora, vivemos do custo do nosso trabalho. E quando acreditamos na reforma agrária, quando temos uma política especial para a agricultura familiar, saindo de 2 bilhões e 400 para 9 bilhões, é porque nós sabemos que 70% do que as pessoas comem neste país sai da mão calejada do pequeno produtor rural brasileiro. E isso nós não abrimos mão, mesmo sabendo que o Brasil precisa das duas agriculturas, precisa do agronegócio e precisa da agricultura familiar. O que nós precisamos fazer? Ajudar as duas. E quem mais precisa? A familiar. Portanto a familiar terá sempre um pouco mais de recurso, até que a gente conquiste definitivamente uma política agrícola justa no nosso país.

Este assentamento aqui é um exemplo. Eu fui à casa do companheiro Décio e da sua esposa Eva. Eu vi que é uma casa simples, muito simples, mas eu disse para eles: é um começo. A varandinha já tem. Daqui a pouco vai ter o fogãozinho de lenha, daqui a pouco a gente vai poder melhorar porque pobre é assim: pobre começa a construir um quarto e cozinha, depois constrói mais um, depois mais uma salinha, depois mais um quartinho, daqui há pouco a gente está com a nossa casa para acolher a nossa família.

Que Deus abençoe a todos vocês e podem ter certeza, continuaremos



cumprindo sempre os compromissos que nós assumimos com os trabalhadores.

Agora quero dizer ao Prefeito. A pauta de reivindicação foi tanta, Prefeito, que se eu atender todas as reivindicações do Prefeito de Castilho, os outros prefeitos que estão aqui vão entrar em greve, em protesto, porque eu só estou atendendo à cidade de Castilho.

Gente, um grande abraço e que Deus os abençoe.



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto**

São Paulo-SP, 27 de janeiro de 2006

Meu caro amigo Henry Sobel, nosso querido rabino,
Meu amigo dom Cláudio Hummes, cardeal arcebispo de São Paulo,
amigo de tantas lutas,

Senhor Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Senhor José Serra, prefeito da cidade de São Paulo,
Senhor Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça,
Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,
Representantes das entidades judaicas no Brasil, na América Latina e
no mundo,

Meus amigos e minhas amigas representantes no Brasil do povo judeu,

Este dia é para ser lembrado não só pelo povo judeu, não só pelos sobreviventes do holocausto, os que sofreram as mais infames torturas, os que perderam seus entes mais queridos, nem somente pelos seus descendentes.

A sombra desta tragédia se estende sobre toda a humanidade e é a humanidade, toda ela, que deve ter, nesta data, uma referência, uma aliança que sele o compromisso de nunca esquecer um dos episódios mais trágicos da sua própria história.

O holocausto deve ser lembrado com indignação por nós, pelos nossos filhos, pelos filhos dos nossos filhos e por todas as gerações futuras. É preciso impedir que esse crime hediondo se repita onde quer que seja.

O anti-semitismo é a expressão covarde dos mais vis e desumanos



instintos. Nasce da intolerância, se alimenta do ódio e só leva à destruição e à morte. Não é por acaso que na Europa nazista as mesmas mãos criminosas que mataram milhões de judeus também exterminaram homossexuais, negros, comunistas, ciganos e tantas outras pessoas.

Nós devemos promover os valores mais elevados da solidariedade: paz e tolerância. E transformar esses valores em ações concretas contra o anti-semitismo, os preconceitos de raça, religião e classe.

Lembro-me muito bem do dia em que um grupo de companheiros da comunidade judaica, representando o povo judeu, foi no meu gabinete para assinar uma petição dirigida ao Secretário-Geral das Nações Unidas. Eu, na hora que vocês me expuseram o problema, eu nem bem li o documento não tive dúvida de assinar, porque achei que estava na hora das Nações Unidas lembrarem que a humanidade nunca pode esquecer o que aconteceu, um dia, no mundo, sob os nossos olhos. Foi em agosto de 2004. O rabino Sobel mais 10 lideranças da comunidade, alguns estão aqui presentes.

Hoje, dia 27 de janeiro de 2006, estamos todos juntos, aqui, colhendo o fruto dessa importante iniciativa da comunidade judaica. O governo brasileiro se perfila com muito empenho, junto com todas as pessoas de bem, para manter o nosso país sempre alerta e punir qualquer iniciativa anti-semita, qualquer manifestação racista.

Nossas leis e nosso sistema jurídico são importante instrumento de defesa da sociedade contra toda forma de discriminação racista. O esforço que temos que fazer para evitar o anti-semitismo, o racismo, a intolerância, o terrorismo é muito pequeno se comparado ao preço que teremos de pagar se formos omissos e não lutarmos.

Nosso país cumpriu, mais uma vez, com o dever de honrar o compromisso com a democracia e a paz que nosso povo tanto preza. A paz entre os povos é a maior arma contra o holocausto.

Aproveito a oportunidade para registrar um gesto de deferência do



primeiro-ministro Ariel Sharon por ocasião do primeiro derrame que ele sofreu. Enviei-lhe uma carta e ele, gentilmente, a respondeu. Essa mensagem me foi entregue ontem pela embaixadora de Israel, Tzipora Rimon, aqui presente. E eu achei que era importante relatar a vocês que o governo brasileiro se preocupou demais com a doença do Primeiro-Ministro porque ele estava cumprindo um papel extremamente importante para consagrar a paz no Oriente Médio. Repito: a paz entre os povos é a maior arma contra o holocausto. A paz entre os povos é a maior arma contra a intolerância e o terrorismo.

Meus amigos e minhas amigas,

Sinto-me muito honrado por participar com vocês desta cerimônia em memória das vítimas do holocausto e aqui reafirmar, em nome de todo o povo brasileiro, o nosso mais profundo compromisso com a paz, a solidariedade e a convivência harmoniosa. Nosso país é um país modesto, é um país novo, mas de uma coisa os judeus e qualquer outro povo podem ter certeza: os brasileiros sabem conviver com a diversidade. Esse sentimento está gravado nos nossos corações.

Também não é demais lembrar que o povo judeu tem importância em nossa formação cultural. Desde as antigas colônias do Nordeste até a participação ativa de sua comunidade no dia de hoje os judeus ajudaram e ajudam a construir o nosso país. A primeira sinagoga das Américas foi construída em Pernambuco e foi de lá que saíram os judeus que criaram sua primeira comunidade em Nova Iorque.

Por fim, quero deixar registrado aqui, mesmo que não existisse nenhum judeu no Brasil, ainda assim eu combateria o anti-semitismo. E, neste momento, ao lembrarmos a dor do holocausto, prestemos uma homenagem às vítimas da intolerância, do terrorismo, e que esta homenagem se concretize em uma luta cotidiana pela paz.

Shabat Shalom, e muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
inauguração do Memorial do Corinthians**

São Paulo-SP, 27 de janeiro de 2006

Saudações corinthianas a todos os companheiros da mesa,
Saudações a todos os conselheiros e conselheiras do Corinthians,
Meu querido presidente Dualib,
Meu caro governador Geraldo Alkmin,
Meu caro prefeito José Serra,
Meus companheiros deputados e senadores,

É não só gratificante mas, sobretudo, emocionante. O prefeito José Serra, o governador Alkmin e, certamente, o meu Ministro do Turismo, devem estar muito felizes porque o Memorial do Corinthians certamente será um centro de atração turística para todos os amantes do futebol do mundo inteiro que passarem por aqui.

Eu acho que tanto o nosso Prefeito quanto o Governador e as empresas, as agências de viagem, as empresas que cuidam de turismo, vão ter que colocar um item a mais no roteiro da propaganda dos pontos turísticos e dizer: “visitem o Esporte Clube Corinthians Paulista e o seu memorial para saber um pouco da história do futebol brasileiro”.

Eu virei corinthiano com o quarto centenário. Eu nem bem sabia o que era futebol, porque tinha vindo de Pernambuco com 7 anos de idade, em 52; em 54 o Corinthians foi campeão e, por conta de tudo o que aconteceu, eu morava em Itapema, Vicente de Carvalho hoje, lá em Santos, e não virei santista nem virei Jabaquara, virei corinthiano, em 54.

Bom, de lá para cá, o Corinthians faz parte das minhas alegrias, dos meus sofrimentos. Você não sabe, Marcelinho, o quanto você me fez sofrer



quando você perdeu o pênalti contra o Palmeiras na decisão da Libertadores. Eu estou com 60 anos, foi a única vez que eu pensei que ia ter um enfarte, porque eu não acreditava que aquilo tinha acontecido, mas aconteceu.

Eu acredito que todos os times de futebol, a partir dessa experiência bem-sucedida do Corinthians, que eu ainda não tive tempo de visitar porque a visita foi muito corrida. Eu, certamente, vou tomar um domingo do Dualib, num desses dias, e vou passar aqui um domingo inteiro vendo esse memorial, porque eu tenho 60 anos, comecei a ser corintiano em 54, portanto, eu acredito que parte da minha vida está envolvida com os acertos e com os erros que nós, corintianos, cometemos na vida.

Mas eu queria prestar, além da homenagem ao Corinthians, ao meu querido ministro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte. O Dualib deve acompanhar, e os companheiros que cuidam de esporte, que poucas vezes nós tivemos, no Brasil, um homem com um cargo público, não jogador de futebol, embora pense que jogue, que se dedicasse tanto a criar coisas para o esporte como o companheiro Agnelo. Não apenas para o futebol. Criar para os atletas portadores de deficiência, criar para as crianças. Só no Programa Segundo Tempo são 1 milhão de crianças que praticam esporte depois do horário escolar, e normalmente crianças adolescentes pobres. As fábricas de bolas que nós criamos, de redes, são 70 fábricas espalhadas pelo Brasil, envolvendo 13 mil detentos, sobretudo adolescentes, produzindo bolas, redes, camisas, bandeiras.

Mas o mais importante, que era o que eu queria dizer aqui, para vocês, é o projeto de lei que agora o senador Romeu Tuma é o relator e, portanto, na mão dele pesa a responsabilidade de fazer o relatório para melhorar o projeto e não para piorar o projeto. Nós fomos criticados quando apresentamos o projeto chamado Timemania. É um projeto que visa recuperar o futebol brasileiro.

Hoje é muito fácil as pessoas dizerem: “não, o time não funciona bem, não tem dinheiro, que feche, que vá para a segunda divisão, que quebre, não



tem problema, vem outro no lugar”. Na nossa opinião, alguns times brasileiros fazem parte do patrimônio cultural deste país e, portanto, não podem simplesmente fechar sem que o Estado assuma a responsabilidade de tentar criar condições para que esses times possam pagar as suas dívidas e para que esses times possam, em um futuro muito próximo, competir com os times europeus e manterem, aqui no Brasil, os melhores atletas que nós produzimos.

O Brasil não é, hoje, o país do futebol. A verdade é que o Brasil é o grande país produtor de jogadores de futebol, mas o país do futebol, hoje, são países menores do que o Brasil que não produzem 10% dos atletas que nós produzimos, mas que têm dinheiro para comprar os nossos atletas quando eles têm 15, 16, 17 anos, e é só olhar o retrato da Seleção Brasileira. A lei que está na mão do senador Romeu Tuma é uma lei que pode restabelecer aos times de futebol brasileiro a capacidade de refinanciamento das suas dívidas, impõe condições para criar mecanismos, não que proíbam, mas que permitam que o time ganhe pelo jogador que ele for capaz de formar, porque, também, um time investe em uma criança desde os quatro anos de idade, quando ela aprende a chutar bola, ela vai embora e o time fica absolutamente sem nada. O projeto cuida de tudo isso. A Câmara já votou, o Senado, agora, vai votar e eu quero dizer para vocês... O Prefeito me dizia... Eu dizia para o prefeito Serra que o Alex, do Palmeiras, em homenagem a ele, eu estive com o primeiro ministro, agora, da Turquia, e ele me disse que o Alex é um verdadeiro Deus na Turquia e o Serra me dizia: “é uma pena que a Turquia, um país mais pobre do que o Brasil, tenha dinheiro para manter um jogador como o Alex, e no Brasil os times não têm dinheiro para manter um jogador como o Alex”.

Então, eu queria dizer para vocês que podem ter convicção do seguinte: eu ainda quero ver, Dualib, se ainda este ano, no primeiro semestre, o Ministro convoca uma reunião dos presidentes dos principais clubes do Brasil para a gente assumir a responsabilidade – governos estaduais, governos municipais, presidente da República, empresários – porque salvar os times brasileiros não



é, apenas, uma responsabilidade da direção do time. Muitas vezes é fácil dizer “não, mas os times são administrados por pessoas que passam a mão no dinheiro do time”. Esta é a forma mais fácil de dizer “eu não quero fazer nada”. A forma mais importante é a gente dizer “se o nosso time tem problema, nós temos que consertá-lo”. Porque eu não posso conceber o Brasil sem o Flamengo, eu não posso conceber o Brasil sem o Botafogo, eu não posso conceber o Brasil sem o Fluminense, sem o Vasco, sem o Grêmio, sem o Internacional, sem o Cruzeiro, sem o Atlético, sem o Corinthians, sem o Palmeiras, sem o São Paulo, sem o Santos, sem a Portuguesa, ou seja, isso faz parte de toda a geração do século XX. E nós precisamos dar a oportunidade para que o século XXI tenha a mesma alegria que nós tivemos no século XX, cada vez melhor, tetra campeão mundial e, se Deus quiser, nós vamos ter o futebol brasileiro mais organizado, mais arranjado, os times financeiramente mais arrumados.

Quero te dizer, presidente Dualib, e aos conselheiros do Corinthians, do Palmeiras, do São Paulo, do Santos – o Agnelo aprovou uma medalha para os jogadores do São Paulo, campeões do mundo, nós vamos marcar uma data para entregar uma condecoração – quero dizer para vocês o seguinte: não por ser presidente da República, mas por entender o que o futebol representa para o povo brasileiro, quero assumir a responsabilidade junto com os clubes de futebol, junto com prefeitos e governadores, para que a gente, junto com os times, assumamos, de uma vez por todas, a responsabilidade de salvar o futebol brasileiro e fazer a ele justiça pelos títulos que nós temos em nível internacional.

Quero parabenizar, este Memorial é, definitivamente e certamente, o melhor já existente no Brasil e eu acho que isso vai servir de exemplo, Dualib, para que todos os outros times façam memoriais como este, para que as crianças conheçam o que foi a história do futebol brasileiro.



Quero dizer que hoje vamos comemorar à noite, o Dia Internacional da Diáspora. Vamos lá na comunidade judaica, mas quero dizer que saio daqui fazendo jus ao hino do nosso querido Corinthians. Saio daqui mais corinthiano do que entrei e tenho certeza de que o Corinthians precisa, Dualib, se preparar para a Libertadores da América, nós precisamos arrumar o que precisa arrumar, porque toda vez em que a gente vai disputar um título internacional, a gente confunde um jogo importante com um jogo pequeno, aqui. Vamos priorizar, priorizar e priorizar, porque o Corinthians precisa ocupar o espaço internacional no futebol, que o São Paulo ocupa hoje, que o Brasil ocupa na política, mas que o Corinthians pode ocupar no futebol.

Meus parabéns a todos os conselheiros e conselheiras do Corinthians, e que Deus continue ajudando o nosso Corinthians.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Subestação de Energia Elétrica de Viana**

Viana-ES, 30 de janeiro de 2006

Meus amigos e minhas amigas do estado do Espírito Santo,
Meu caro governador Paulo Hartung,
Meu caro ministro Silas Rondeau,
Meu caro ministro Jaques Wagner,
Senhor Lelo Coimbra, vice-governador do estado do Espírito Santo,
Meu caro parceiro e companheiro senador Magno Malta,
Minha querida companheira deputada Iriny Lopes,
Meus caros amigos deputados federais Jair de Oliveira, Carlos Manato,
Marcos Vicente, Neucimar Fraga, e o líder do PSB, Renato Casagrande,
Meu querido companheiro João Carlos Coser, prefeito de Vitória,
Meu caro José Luis Oliveira, prefeito em exercício de Viana – é a
primeira vez que eu vejo um prefeito em exercício com a prefeita presente,
Minha querida Solange, prefeita de Viana,
Meu querido parceiro José Pedro Rodrigues de Oliveira, diretor-
presidente de Furnas,
Secretários estaduais,
Funcionários e diretores de Furnas,
Companheiros e companheiras da Eletrobrás,
Trabalhadores e trabalhadoras de Furnas,
Aqui está na nominata a nossa querida Rita Camata, mas eu não a
estou vendo, de qualquer forma... Está aí a Rita Camata, obrigado pela
presença,
Meus companheiros prefeitos da região,
Funcionários e funcionárias,



Jornalistas aqui presentes,

Às vezes a nominata é maior do que o discurso, então é preciso tomar cuidado.

Eu tinha que fazer uma opção hoje: ou eu viria a Viana ou eu iria a Minas Gerais inaugurar uma hidrelétrica, junto com o governador Aécio e com a direção da Cemig. E foi o ministro Silas Rondeau que me convenceu, junto com o governador, a fazer a opção de vir aqui, em Viana, inaugurar esta subestação, por uma razão muito importante. É pelo significado que esta obra tem para o futuro desenvolvimentista do estado do Espírito Santo.

Eu me lembro de que no segundo apagão que deu aqui, neste estado, eu pedi para a Dilma Rousseff – ou no primeiro, não sei – ir para a televisão e não falar a palavra apagão, porque apagão era uma imagem que nós tínhamos de 2001, e eu queria que ela falasse que tinha tido um colapso, que tinha faltado energia. Mas a verdade é que depois do apagão nós tomamos o prejuízo porque não tivemos energia, depois tivemos o prejuízo porque as empresas tiveram prejuízo e nós tivemos que pagar o prejuízo que as empresas tiveram, mesmo sem usar a energia.

Depois da síndrome do apagão, eu achava que o Brasil não passaria confiança para qualquer investidor, brasileiro ou estrangeiro, se nós não déssemos resposta objetiva à questão da segurança de energia a ser ofertada para todos os brasileiros.

O dado concreto é que isso incomoda muita gente. O dado concreto é que com os leilões que nós fizemos, em dezembro, e obras que estarão prontas em 2007, nós estaremos realizando, de linha de transmissão, 21% de tudo o que foi feito em 122 anos no Brasil.

Prestem atenção: com a licitação feita em dezembro, obras que serão concluídas em 2007, qualquer que seja o governo, porque não se vai parar uma linha de transmissão, nós teremos feito, em 5 anos, 21% de tudo o que foi



feito em 122 anos no Brasil, de linha de transmissão.

Isso para garantir ao povo brasileiro, aos investidores brasileiros e aos investidores estrangeiros que a oferta de energia é planejada e é da responsabilidade do governo federal e, portanto, quando os ministros da área de desenvolvimento ou da área econômica saírem pelo mundo tentando convencer investidores a investirem no Brasil, eles vão perguntar três coisas fundamentais: primeiro, se nós temos infra-estrutura suficiente para que eles possam produzir e escoar sua produção; segundo, se a gente vai ter mão-de-obra qualificada para poder atender aos desejos de boa qualidade dos produtos fabricados no Brasil; e terceiro, eles vão perguntar se o Brasil tem mercado para consumir os produtos que eles vão produzir. Essas são as três coisas básicas que um governo – além dos marcos jurídicos que não são do governo, já são do Congresso Nacional – tem que apresentar a qualquer pessoa, seja do Brasil ou de fora, que queira investir no nosso país.

E o estado do Espírito Santo, com a inauguração desta subestação... o que nós estamos dizendo é apenas o seguinte: o Espírito Santo deixou de ser tratado pelo governo federal como o patinho feio da República brasileira, onde muitas vezes as autoridades federais lembravam do Espírito Santo pela qualidade da praia, pela cordialidade de sua gente, pela areia monazítica lá de... de muitas praias do estado, mas que, na hora de discutir investimento, o dinheiro ou passava a mais de 11 mil pés de altura ou pegava outro trecho que não a estrada que vem para cá, e nunca parava aqui neste estado.

É por isso que nós tomamos a decisão de fazer um investimento no aeroporto de Vitória. Alguns tentaram criar caso e não permitir que a gente fizesse em Vitória. Queriam que nós fôssemos fazer em Guarapari, e tinha que ser em Vitória o aeroporto, e por isso está sendo feito em Vitória. E logo, logo vocês terão um aeroporto do tamanho da dignidade do povo desta cidade e do tamanho da dignidade do povo do Espírito Santo.

Um outro gargalo que nós tínhamos aqui e era muito grave era o Porto



de Vitória. Vitória ainda era tratada como se fosse no tempo... como se fosse uma pequena colônia em que o seu porto fosse uma coisa tratada em um terceiro plano, nunca tratado como prioridade. Um dia o governador e o prefeito me procuraram e me disseram que tinha problema de gerenciamento no Porto de Vitória. Eu chamei o companheiro que coordenava o Porto e disse: eu não quero saber se a direção que está lá no Porto é do PT, se é do PMDB, se é do PCdoB, se é do PL, se é do PSB, não quero saber de quem é. O critério para estar lá é ter competência para gerenciar o Porto de Vitória e dar ao Porto de Vitória a dimensão que o povo brasileiro está exigindo que ele tenha. Passou-se um tempo, mandamos para cá uma equipe da Getúlio Vargas para fazer uma avaliação do que estava acontecendo no Porto, e hoje eu posso dizer, ainda que de forma inicial, que o Porto de Vitória certamente já está sendo tratado como o Porto melhor administrado de todos os portos brasileiros. E isso é extremamente significativo para um estado que tem, de um lado, a mão de Deus, porque... daqui a pouco este estado estará sendo campeão de petróleo nessas bacias todas por aí, depois tem a compreensão do governo federal, e depois tem a compreensão do governo estadual. Ora, junta-se a vontade política de dois governantes mais a bênção de Deus que deu mais petróleo para esta região, este estado tem que aproveitar esse instante para construir tudo aquilo que é necessário construir para que ele se transforme, definitivamente, em um estado desenvolvido, em um estado que possa gerar renda, que possa gerar riqueza e que possa melhorar substancialmente a qualidade de vida do povo deste estado.

E um dado importante, eu quero agradecer as palavras de elogio do Governador e dizer que, em janeiro de 2003, todo o dinheiro que o governo federal passava para cá era 1 bilhão, 490 milhões de reais, entre todo o dinheiro, voluntário e dinheiro constitucional. Em 2005 nós passamos 2 bilhões, 940 milhões, ou seja, passando 1 bilhão e 400 milhões a mais do que aquilo que nós encontramos. E não é apenas para o estado do Espírito Santo.



Eu digo sempre o seguinte: vamos esperar terminar o governo para a gente poder fazer uma aferição do que aconteceu no Brasil. E nós vamos perceber que nunca os municípios brasileiros receberam a quantidade de dinheiro que estão recebendo, e nunca os governos dos estados todos, sejam os do PT, do PFL, do PMDB, do PL, do PTB, porque quando se trata de atender ao povo de um estado a gente não olha a sigla partidária do governador ou do prefeito, a gente manda de acordo com a necessidade.

É por isso que um estado como São Paulo, que é tido como o mais rico da Federação, só de programas sociais nós passamos, em 2005, 2 bilhões de reais. E vamos continuar fazendo, porque achamos que é assim que o Brasil vai encontrar, definitivamente, o seu caminho.

Quero dizer para vocês que esta obra aqui é uma obra não grande, até pelo volume de recurso todo, mas é uma obra grande pelo significativo. Vir aqui um Presidente da República, depois de ouvir o Ministro das Minas e Energia falar, depois de ouvir o Presidente de Furnas falar, depois de ouvir o Governador falar, eu poder dizer para vocês aqui: vocês não terão mais apagão no estado do Espírito Santo.

E está acontecendo isso porque o sistema de linhas de transmissões no Brasil está interconectado com quase todo o país. Esses dias caíram quatro torres em Itaipu e ninguém sentiu nenhuma falta de energia em nenhum minuto. E, Deus queira, falta ainda fazer a interconexão com o Norte do país, para que a gente tenha um sistema totalmente ligado e quando faltar energia num lugar a gente transfere. E quando tiver de excesso num lugar transfere para outro, e a gente vai poder dar tranquilidade.

Isso não significa que a gente não corra risco. Corremos risco, sim. Por isso, é preciso que cinco anos antes, ou seis anos antes, estejamos pensando o que nós vamos produzir de energia em 2011, 2012, 2013 e 2015, porque o que aconteceu no passado foi que os alertas de todos os especialistas deste país não foram levados a sério. Não foram levados a sério, ou os ouvidos



moucos de algumas autoridades daquela época não quiseram entender o que os especialistas falavam: “vai faltar energia no Brasil, o sistema está ultrapassado, é preciso produzir mais”. E nós, agora, estamos tratando de fazer o que tem que ser feito.

Só para vocês terem idéia, já estamos contratando energia para 2010, estamos com três projetos grandes e nós esperamos que com a transversalidade de envolvimento do Ministério do Meio Ambiente, do Ministério de Minas e Energia, com o Ministério da Indústria, a gente possa concluir e tentar estar mais ou menos com o projeto todo elaborado, que é a Belo Monte, no estado do Pará, que é uma grande hidrelétrica, que teve problemas ambientais, mas que o lago já foi reduzido pela metade. Nós temos a do rio Madeira, a possibilidade de fazermos duas hidrelétricas no Rio Madeira, dois grandes projetos. E para a gente tê-las prontas lá para 2012, 2013, nós temos que começar ontem, não podemos deixar para começar, quando alguém começar a dizer que vai ter apagão.

Então o Brasil, eu posso dizer – eu estou vendo aqui alguns empresários importantes – o Brasil está preparado para receber o investimento que vocês têm para fazer no Brasil.

O Presidente da Vale do Rio Doce me ligava na sexta-feira e dizia: “Presidente, eu quero lhe dar, de primeira mão, a decisão da Vale do Rio Doce de investir, em 2006, no Brasil, 11 bilhões e 800 milhões de reais. Inclusive, com uma rodovia, uma ferrovia, a Litorânea Sul, que foi anunciada lá no Palácio do Planalto.” Esses 11 bilhões e 800 milhões de reais são um pouco do que as empresas brasileiras podem investir, porque o Brasil tem todas as possibilidades de continuar crescendo as suas exportações, crescendo a sua economia, gerando os empregos...

E, de vez em quando, Deus é tão brasileiro que aparecem os dados do IBGE para desmascarar os pessimistas, com uma... um grupo de pessoas que escrevem, que fazem comentários, porque está tudo abaixo de zero, a



economia não está crescendo... Os dados do IBGE demonstraram o que nesta semana? Não só a economia está crescendo, como a renda está crescendo e, se Deus quiser, 2006 vai ser o ano em que a economia vai crescer mais, a renda vai crescer mais, o emprego vai crescer mais, o salário vai crescer mais, o poder de compra vai crescer mais, com uma vantagem: nós vamos continuar dizendo que a inflação será controlada a qualquer preço, porque a inflação não prejudica o rico, a inflação prejudica o pobre, sobretudo aqueles que vivem de salário mínimo neste país, ou aqueles que ganham até menos que um salário mínimo.

Portanto, eu ainda tenho que vir aqui participar, pelo menos da inauguração de um pedaço do aeroporto, que vai ser um aeroporto moderno, bonito, do jeito que é o estado e do jeito que é a cidade. Eu ainda quero voltar aqui para anunciar outras obras com o governador, com alguns prefeitos, sobretudo na capital, porque nós estamos convencidos de que o momento do Brasil é este. O século XXI vai ser o século do Brasil, eu tenho visto que a América Latina vai ocupar o espaço que os Estados Unidos ocuparam no século XX, que a Europa ocupou no século XIX, mas vai depender de nós, não vai depender de nenhum estrangeiro acreditar no Brasil, se nós não acreditarmos antes.

Eu estou extremamente feliz com o que está acontecendo no Brasil, e estou convencido até de que nós estamos fazendo aquém daquilo que nós podemos fazer, acho que o Brasil precisa de muito mais, nós temos que fazer muito mais, mas também nós temos consciência de que não é possível fazer em três anos aquilo que não foi feito em muita coisa. Se a última autoridade federal que veio aqui foi o Imperador, em 1870, eu estou vindo agora, quase 150 anos depois, eu acho que nós temos que acreditar que nós poderemos fazer muito mais em pouco tempo. As coisas estão acontecendo, acho que tem contribuição... o Congresso Nacional tem sido um parceiro extraordinário, o que foi votado na Câmara dos Deputados a semana passada foi muito importante



para o futuro do Brasil. Votar o Fundeb foi uma coisa excepcional, porque é uma revolução na educação do nosso país, votar a Super Receita foi muito importante, porque é um jeito de a gente combinar de tentar evitar que haja o desgaste que há de falta de dinheiro na Previdência Social. Acho que o fim da verticalização que alguns companheiros defendiam... eu, sinceramente, não aceito a bigamia em política, ou seja, um partido fingir que está apoiando e depois não estar apoiando, é melhor escancarar e ver quem é quem neste país, quem apóia quem, quem está com quem à luz do dia, e não você ficar pensando que alguém está com você e, depois, não está. Então, é melhor acabar logo isso e fazer as coisas muito abertas, muito à vontade.

Agora, eu acho que os projetos estão indo para o Senado, eu acho que o Senado vai demonstrar a mesma boa vontade da Câmara, e nós agora temos a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que é um avanço extraordinário, e nela está acoplado o projeto de Pré-empresa, e eu acho que aí o Brasil, definitivamente, está todo arranjado. Eu gostaria que fosse aprovada a Reforma Tributária. Você poderia ajudar, viu meu querido Governador, porque a Reforma Tributária tem um problema: está tudo mais ou menos acertado, agora tem alguns estados que se sentem prejudicados e que não querem acabar com a guerra fiscal. Era importante terminar com essa quantidade de alíquotas que existe nos estados e tentar reduzir... o projeto está pronto, já foi votado no Senado, falta votar na Câmara para que a gente possa dar ao país a certeza, tanto para o investidor quanto para o trabalhador, de que as coisas vão andar na mais absoluta normalidade.

Quero terminar dizendo para vocês o seguinte... eu vi, aqui, os cuidados do Governador, e eu queria dizer para vocês o seguinte: nós temos que governar o país e o estado até o dia 31 de dezembro, é nossa obrigação, é nosso mandato constitucional. De vez em quando nós somos pressionados a dizer se somos ou não candidatos. Acho que quem está governando não tem que ter preocupação de dizer que é candidato, porque é muito cedo para



alguém definir se é candidato. Só pode definir... A oposição tem mais pressa do que a situação. Então é normal, se quiserem apressar a decisão, definam.

Eu, particularmente, não tenho nenhuma razão, não tenho clareza sobre a questão da reeleição. Eu acho que nós precisamos concretizar um projeto que nós iniciamos neste país. Um projeto que começou com muita gente boa achando que não ia dar certo, com muita gente boa achando que ia quebrar o país, com muita gente boa achando que este país não ia poder dar certo na mão desses meninos. Não só deu certo como nós vamos ver o resultado do que aconteceu, neste país, nesses próximos quatro anos.

Nós levamos 500 anos para chegar a 60 bilhões de dólares de exportação. Em quatro anos chegamos a 120 bilhões de dólares. Ou seja, o Brasil, definitivamente, está inserido na globalização, não tem mais retorno. Quem é empresário, aqui, que viaja, sabe que o Brasil, hoje, é levado em conta não apenas pelo discurso de um político, mas é levado em conta, sobretudo, pela qualidade das coisas que nós fazemos, pela qualidade dos nossos produtos e pela competitividade que nós temos nesse mundo globalizado.

De forma, meu caro governador Paulo Hartung, deputados, senadores, prefeitos, eu saio daqui com a certeza de que este aqui é um estado que agora não tem que ficar... se dá uma chavinha, fica o prefeito, o governador, os políticos, os empresários: “será que vai faltar energia, será que vai cair uma torre?”. Agora podem dormir tranquilos, porque a energia não será mais o problema, será solução para este estado.

Meus parabéns ao estado do Espírito Santo. E pode ficar certo, Paulo Hartung, continuaremos a investir neste estado, porque eu acho que este estado há muito tempo já fez por merecer.

Obrigado.